

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL E O CASO
IURDIANO: DISPUTAS DE VALORES, PROJETOS
E VISÕES DE MUNDO NAS PÁGINAS DA FOLHA
UNIVERSAL**

TARCÍLIO DIVINO NUNES

3903
S.9(c)

TARCÍLIO DIVINO NUNES

**A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL E O CASO IURDIANO:
DISPUTAS DE VALORES, PROJETOS E VISÕES DE
MUNDO NAS PÁGINAS DA FOLHA UNIVERSAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Profº Dr. Paulo Roberto de Almeida.

Uberlândia, junho de 2009

Cód. NUNES, Tarcílio Divino.

A expansão neopentecostal e o caso iurdiano: disputas de valores, projetos e visões de mundo nas páginas da Folha Universal.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História).
Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

1. Neopentecostalismo. 2. Igreja Universal. 3. Narrativas.

I. Folha Universal: um jornal a serviço de Deus? II. A Teologia da Prosperidade e o poder transformador do dízimo.

I. Título. II. Série.

TARCÍLIO DIVINO NUNES

A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL E O CASO IURDIANO:
DISPUTAS DE VALORES, PROJETOS E VISÕES DE
MUNDO NAS PÁGINAS DA FOLHA UNIVERSAL

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Paulo Roberto de Almeida – Orientador

Profº Dr. Sérgio Paulo Moraes

Mestrando Rodrigo Barbosa Lopes

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha graduação, conheci inúmeras pessoas, muitas das quais se converteram em meus amigos ou em minhas amigas, que me ajudaram e compartilharam comigo diversos momentos que considero inesquecíveis. Olhando para trás, vejo que marcar a opção de curso para História, no vestibular de janeiro de 2004, foi uma das decisões mais acertadas que poderia fazer, pois devido à graduação e, principalmente, às pessoas que conheci nesse período de pouco mais de 5 anos, me tornei um sujeito mais maduro, mais tolerante, mais amigo, mais profissional, mais extrovertido, mais determinado, mais humano. Minha vida de fato foi transformada, e para melhor, com a absoluta certeza.

No entanto, tentar agradecer a todos aqueles que contribuíram nesse processo, citando para isso todos os nomes que julgo necessários, seria uma tarefa complicada e ao mesmo tempo injusta, na medida em que o risco de deixar algum nome de fora da lista seria demasiado grande. De qualquer forma, vou tentar realizar tal tarefa.

Primeiramente, quero agradecer à minha mãe Sirlene e aos meus irmãos Guilherme e João Pedro, razões de minha existência e de minha determinação para concretizar os objetivos que tracei, que diga-se de passagem não são poucos.

Ao meu avô Divino Nunes, por tudo o que me proporcionou em minha vida, principalmente quando me ensinou que o nosso caráter é essencial para que sejamos respeitados e amados.

Ao meu amigo Roberto Camargos de Oliveira, um agradecimento mais do que especial. Por ser um amigo sincero em todos os momentos, por me ensinar valores louváveis, por me ajudar nos momentos em que mais precisei, por saber dialogar comigo em posição de igualdade, por me respeitar, por me ensinar os significados da verdadeira amizade, por ser uma das pessoas mais íntegras que conheço e já conheci; enfim, agradeço sinceramente por tudo isso e um pouco mais.

Ao meu orientador Prof^o Paulo Roberto de Almeida, agradeço pela paciência e flexibilidade que demonstrou ter em relação à minha pessoa, porque reconheço que muitas vezes sou chato e uma pessoa não tão fácil de se lidar. Agradeço também a oportunidade de me fazer pensar por conta própria em vários pontos da pesquisa que desembocou nesta monografia, concedendo uma margem de autonomia infelizmente pouco encontrada quando o assunto é orientação de monografia no espaço acadêmico.

Agradeço aos meus amigos e minhas amigas da turma incrível da qual participei: Lucian, grande amigo me fez cair em sucessivas e incontáveis gargalhadas; Luciano (vulgo “Jesus”, “Peter Park”, “He-man”, entre outros apelidos), que também me proporcionou memoráveis situações hilárias; Michelle Garcia, de uma personalidade marcante e invejável; Lucas Lopes, o “Quadrado Mágico”, personificação da sinceridade; Edson, o irmão do Cidão; Neander “Cidão”, o irmão do Edson; Jonathan “Dr. Dráuzio”, sensato, inteligente e respeitoso; Eduardo “Bryan”, o *fashion* com sotaque de Chico Bento; Élcio, o “mulletman”; Wanderley, o Shrek albino; João de Sene, um espécime raro que mistura características de Luís XIV com Raúl Seixas; Antônio Bonesso, sem comentários (rsrsrs); William Costa; Rênia; Juliany; Celiana; Suéllen; Vinícius “Pipoca”, Marcos Vinícius “Zema”; Cíntia; Ludmila.

Agradeço aos meus amigos e amigas que conheci ao longo da graduação: Leonardo Latini; Luciana Tavares; Tadeu Pereira; Virgílio Franco; Lígia Perini; Cléber Vinícius; Ryhã “Ricky Moranis”; Lazin, o humorista e imitador profissional do curso de História; Guilherme Bertoldo “Cabelo”; Markin “Barack Obama”, ser inato e inoperante; Henrique “Henriqueme”; Felipe “Casagrande”; Rafael “Raúr”; Gustavo (da Banca do 3Q), inteligente, crítico e sincero; Thiago “Cogu”; Michel “Vampirinho”; Igor Pezzotti; Paulo Lamana; Bruno “Brother”; Glauber (de Brasília); Rodrigo Lopes; Aline Ludmila; Aline (de Monte Alegre); Luiz, o “Homem Cordial”.

Aos integrantes do glorioso Ruinzinga Balé & Regatas: além dos já citados, Edson “Xerxes”, Thiago, Felipe e César (o Judas).

Agradeço a todas as outras pessoas especiais que participaram desse momento marcante da minha vida: Norton “Chartiete”; Aluísio Brandão; Laila; Karen Caetano; Carol (essa sofreu com as minhas piadinhas); Tamires; Renata; Elton “Bin Laden”, Diego “La Bamba”; Rafael Guarato; Roberta Paula; Daniella (fã de mangás e animes, assim como eu); Kassius Kennedy; Fernando Souza; Michel Ângelo; Gustavo Zuquette; Júlio, o policial do passado; Alessandro “Loverboy”; Maikel; Ariane; Suzana; Vélson, Máucia e Ivanilda do CDHIS; Sir João da Banca do 3Q, que teve muita paciência para me suportar diariamente; Luciana do INHIS; Délcio, Luís Bustamante, Wagner, Paulo Irineu, Éder e Gérson, com quem tive a oportunidade de trabalhar e aprender.

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte não somente da minha vida acadêmica, mas de toda a minha vida no geral.

RESUMO

O trabalho discute e problematiza a expansão das denominadas igrejas neopentecostais na sociedade brasileira, com enfoque na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A metodologia empregada consiste na análise de exemplares do jornal oficial da IURD, a Folha Universal, coletados desde 2005, entendendo esse jornal como expressão das relações sociais, agindo no sentido de organizar narrativas sobre um determinado tempo histórico, modelando formas de pensar e agir, de acordo com os interesses dos grupos sociais a que pertence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – FOLHA UNIVERSAL: UM JORNAL A SERVIÇO DE DEUS?	19
1.1 – Liberalizar para agregar _____	29
1.2 – A disputa iurdiana contra o catolicismo _____	32
1.3 – “Um projeto de Deus”: a inserção na política partidária _____	38
CAPÍTULO 2 – A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E O PODER TRANSFORMADOR DO DÍZIMO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
FONTES	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

As cidades brasileiras estão repletas de contradições. Elas são compostas pela multiplicidade de grupos e sujeitos, cujos distintos projetos políticos, valores e concepções acerca da dinâmica social acabam por gerar intensas disputas pela (re)configuração do espaço urbano, de forma incessante e conflituosa. É um espaço marcado pela convivência, não harmoniosa, de sujeitos portadores de experiências sociais diversas, sempre carregadas de trajetórias, modos de vida, práticas de trabalho e práticas religiosas particulares, que dimensionam e posicionam cada sujeito em meio às complexas redes de sociabilidade típicas do espaço urbano. Nas cidades, as pessoas se aproximam, mas também distanciam-se, na medida em que alguns problemas vão se acentuando, como a violência, a segregação espacial – representada pelo alastramento dos condomínios fechados – e, sobretudo, pela exclusão social, que apesar de suas inúmeras facetas, provoca cada vez mais a desterritorialização das relações humanas e a fragmentação do espaço público.

É necessário entendermos que as cidades, antagonicamente às abordagens urbanísticas, não são meras abstrações resultantes de construções ideológicas, que geralmente as afastam do plano concreto e complexo das relações sociais. *O que existe é uma sociedade em movimento que produz, com todas as suas contradições, as cidades e a vida que vivemos. A cidade é e será o que seus habitantes fizerem dela.*¹

No tempo presente, a posição hegemônica alcançada pelos valores individualistas que regem a alardeada “lógica do mercado”, juntamente com a minimização dos gastos estatais em serviços essenciais para a população, tais como saúde, educação, previdência e habitação, aprofundam ainda mais as fraturas urbanas e suas divisões espaciais e sociais. O slogan “salve-se quem puder” impera na sociedade atual e os laços de afetividade e solidariedade, outrora tão defendidos, são agora combatidos, situação que permeia os múltiplos campos que compõem o social. Nesse turbilhão conflituoso que caracteriza o espaço urbano, os sujeitos que nele se inserem tentam, de diversos modos, solucionar seus problemas, suprir suas necessidades básicas e, de certa forma, ordenar suas vidas, conferindo sentidos e significados especiais às suas experiências.

¹ BAVA, Silvio Caccia. *Quem pode fazer?* In: Le Monde Diplomatique Brasil, nº 13. São Paulo: Instituto Pólis. Agosto de 2008, p. 3.

Um dos possíveis caminhos que as pessoas visualizam para resolver, ou pelo menos amenizar, seus problemas familiares, espirituais, financeiros, amorosos, entre outros, encontra-se no campo religioso. A religião parece estabelecer um ordenamento coerente naquilo marcado pelo caos e pelas incertezas, e as pessoas que a procuram fazem isso de forma consciente, e não de forma alienada e manipulada, como defendem muitos dos estudiosos da temática religiosa. Na sociedade brasileira atual, presenciamos um verdadeiro *boom* das igrejas evangélicas, com uma simultânea proliferação quantitativa de seus fiéis a níveis extraordinários. Destas igrejas, as que mais vêm se destacando são as igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Renascer em Cristo, e que começaram a ser fundadas no final da década de 1970. Possuem atualmente enorme visibilidade, provocando um remodelamento do espaço urbano e da esfera religiosa, além de alterar as formas como se inserem na sociedade de modo geral.

E é exatamente neste ponto que esta monografia é situada. Ela surgiu a partir de várias indagações minhas diante desse crescimento surpreendente das igrejas evangélicas nas cidades brasileiras e particularmente em Uberlândia, a cidade onde nasci, cresci e onde hoje me localizo. Andando pelas ruas, conversando com pessoas que apresentavam forte fervor religioso, recebendo exemplares do jornal Folha Universal em minha residência, assistindo a programas televisivos evangélicos, discutindo com amigos sobre o tema; tudo isso colaborou para que uma infinidade de questionamentos viesse à minha mente. Por que essas igrejas evangélicas, em especial as neopentecostais, se expandem tanto assim no tempo atual? O que motiva as pessoas a ingressarem nestas igrejas? Quais são as visões de mundo e os projetos de sociedade que estes grupos carregam? De que forma os diversos sujeitos inseridos nestas igrejas constroem significados e sentidos para suas vidas com base em suas trajetórias e práticas religiosas? Como essa expansão neopentecostal remodela e reconfigura as cidades brasileiras? Como estes sujeitos e grupos se localizam em meio às disputas, tensões e conflitos inerentes ao espaço urbano?

Diante de tais questionamentos decidi iniciar a pesquisa, a fim de tentar compreender melhor este assunto e não simplesmente vislumbrar obter respostas definitivas, algo que em qualquer produção historiográfica verifica-se impossível. Em busca de fontes e referências teórico-metodológicas para ajudar na pesquisa, fiquei de certo modo surpreso quando constatei que a temática da religião, em sua acepção geral, ainda é pouca valorizada pelos historiadores brasileiros. No caso das chamadas igrejas

neopentecostais a situação é ainda pior em relação à essa ausência da historiografia, sendo que, dentre os trabalhos acadêmicos do Instituto de História da UFU nessa área, o único que realmente tive contato e me auxiliou bastante foi a monografia de Rodrigo Lopes, que fez uma interessante análise sobre os sujeitos que freqüentam a Igreja Universal. Porém, o que mais contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa foi, sem dúvida alguma, a orientação do professor Paulo Roberto de Almeida, que além de ter muita paciência comigo e com minhas dificuldades analíticas, constantemente me fazia refletir sobre cada aspecto da pesquisa, no sentido de desconstruir velhos paradigmas e repensar os referenciais teóricos e metodológicos com os quais eu assimilava. Com isso, me lancei à pesquisa de fato e me deparei com algumas dificuldades naturais decorrentes de um tema tão polêmico quanto é a questão religiosa.

Quem nunca assistiu ao programa, transmitido pela TV Bandeirantes, do saltimbanco pastor Silas Malafaia, marcado por suas pregações recheadas de brincadeiras, chacotas e malabarismos? Ou ao programa “Show da Fé”, apresentado por R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, um homem de voz serena e profundo conhecedor dos caminhos que levam à graça divina? Ou ainda, quem nunca assistiu aos incontáveis programas de TV da Igreja Universal, como o “Ponto de Luz” e o “Fala que eu te escuto”, transmitidos por várias emissoras, destacando-se a Rede Record? Quem nunca assistiu a nenhum destes programas ou outros similares, que atire a primeira pedra...

O fato é que, como afirma Ricardo Mariano, *“só não os vê quem, decididamente, não quer vê-los”*.² É muito difícil não percebermos a expansão neopentecostal nas cidades brasileiras, pois a cada dia são fundadas novas igrejas. Em Uberlândia, por exemplo, temos grandes templos religiosos na área central da cidade, como os templos da Igreja Universal e da Internacional da Graça de Deus, sem mencionar aqueles de pequeno e médio porte, em termos de espaço físico, que se proliferam tanto nos bairros periféricos quanto nos bairros de maior poder aquisitivo.

O termo “neopentecostalismo” é muito empregado por sociólogos, fundamentalmente para diferenciar as igrejas evangélicas fundadas no Brasil a partir da década de 1970 daquelas criadas anteriormente. Em linhas gerais, as igrejas evangélicas costumam ser divididas em protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), em pentecostais

² MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2005, p. 16.

(Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). Basicamente, o pentecostalismo (e essencialmente também o neopentecostalismo) distingue-se do protestantismo histórico por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres.³

Antes de prosseguir, torna-se necessário discorrer sobre alguns pontos que norteiam esta monografia. Ao mesmo tempo em que a proposta central consiste em problematizar o avanço das chamadas igrejas neopentecostais na sociedade brasileira, estabelecendo, para isso, relações com a sociedade de consumo na qual estamos inseridos, não tenho qualquer pretensão de tentar definir extensivamente ao longo do texto o que muitos pesquisadores da religião denominam de neopentecostalismo. Sabemos muito bem que a aplicação de definições conceituais em processos sociais marcados pela mudança, por contrastes e disputas a todo instante, resultam em uma série de implicações e discussões teóricas e metodológicas, gerando problemas que podem ser prejudiciais para o desenvolvimento da pesquisa, já que conceitos fechados tendem para a homogeneização, encerrando uma idéia de totalidade que apaga, justamente por isso, outras possibilidades de interpretação da temática em destaque.

O ato de priorizar categorias fixas, abstratas e puramente analíticas, em detrimento do processo histórico real, é o mesmo que ignorar a constituição deste por sujeitos sociais reais, com interesses, valores e anseios também reais e concretos.⁴ Como o historiador E. P. Thompson nos indica quando discute o conceito de classe⁵, a pesquisa não deve ser processada da teoria para a prática, mas sim da prática para a

³ A esse respeito ver: MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004. Fonte: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/05/07.

⁴ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1ª ed., 1989, p. 9.

⁵ Para Thompson, “classe” é um fenômeno histórico “*que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência*”. A noção de classe traz consigo a noção de relação histórica, sempre encarnada em pessoas e contextos reais. A classe não pode ser vista como “estrutura” ou como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente nas relações humanas. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 9-12.

teoria, ou seja, da pesquisa empírica para a formulação teórica. Se o conceito de neopentecostalismo é aqui usado, está incorporado ao texto no sentido de representar uma alteração – não uma ruptura total – no âmbito das igrejas evangélicas brasileiras em meados da década de 1970 em diante, desconsiderando generalizações e características cristalizadas que tendem a uniformizar tanto os fiéis quanto as várias denominações em seu bojo.

Também optei por não desenvolver minuciosamente sobre o histórico das igrejas evangélicas no Brasil, que necessitaria por si só de uma análise que ocuparia certamente várias páginas, remetendo aos contextos em que surgiram as primeiras igrejas protestantes, passando pela fundação das igrejas consideradas pentecostais, para somente aí discutir o panorama sócio-religioso atual, marcado principalmente pela emergência das igrejas neopentecostais. Acredito que a bibliografia destacada no texto pode proporcionar maiores detalhes para aqueles que tiverem interesse em aprofundar seus estudos sobre a presença histórica das igrejas evangélicas no Brasil e no mundo, não necessitando, por isso mesmo, de ficar discorrendo (e simplesmente reproduzindo) nesta obra estes itens bastante vastos e complexos.

Através das atividades de orientação consegui assimilar que, enquanto historiadores, não carregamos a arte e o poder de “dar vozes” a sujeitos distantes de nós apenas pelo simples fato de pesquisar temas relacionados de alguma forma com a vida deles, como muitos pesquisadores e profissionais das ciências humanas ainda acreditam fazer, com produções destinadas a “dar voz aos excluídos”. O grande problema é que estes sujeitos já têm “voz”, independentemente da vontade e destreza de pesquisadores acadêmicos ou de repulsivos vanguardistas. Em muitos casos, nós do meio acadêmico é que não damos a atenção necessária ou não queremos reconhecer este aspecto. Com isso, esta monografia não tem a pretensão, nem sequer o direito, de falar em nome dos sujeitos que freqüentam a Igreja Universal, pois eles já possuem capacidade suficiente para pensarem e agirem socialmente por conta própria.

Além de outros aspectos, essa pesquisa que desembocou na produção monográfica serviu para desconstruir antigas concepções minhas em relação à religião, ao mesmo tempo em que outras iam sendo construídas. Em primeiro lugar, a associação entre religião e alienação, que para mim parecia tão próxima e simples, foi revisada. As pessoas não vão à igreja porque facilmente são manipuladas pelos discursos presentes no aparato midiático da denominação religiosa, mesmo porque se isso fosse de fácil constatação o número de fiéis aumentaria exponencialmente. Elas vão para a igreja em

busca de solucionar distintos problemas enfrentados em seu cotidiano, dificuldades que encontram afinidade com aquilo que é destacado e divulgado pela igreja, como a possibilidade de prosperarem materialmente, curar algum tipo de doença, fazer com que algum familiar que usa drogas fique livre daquele vício, reatar os laços com o cônjuge, sair de um estado emocional marcado pela depressão, dentre várias outras adversidades.

Em segundo lugar, aprendi a respeitar os fiéis da igreja, algo que não me era tão fácil de assimilar anteriormente, por causa de meu posicionamento crítico diante da questão religiosa. Após entrevistar alguns fiéis e conversar com outros, consegui perceber a multiplicidade de sujeitos ali presente, a grande maioria composta por trabalhadores, cada qual com suas trajetórias de vida específicas, suas angústias, seus anseios, enfrentando problemas cotidianos que muitas vezes estão fora do meu conhecimento, e que, por isso mesmo, não me confere em hipótese alguma o direito de contestar a fé e os motivos pelos quais cada um frequenta a igreja, cabendo-me o dever de respeitar as diferenças, o que também não é uma tarefa simples.

Contudo, as minhas críticas contra a religião institucional não cessaram. Entendo o termo “instituição” como uma organização, órgão ou entidade regida por um conjunto de normas e práticas válidas, às vezes de modo rígido, para todo o corpo de pessoas que a compõe, dentro de um sistema hierárquico pré-definido pelas respectivas lideranças. Em sua vertente religiosa, recorrendo ao caso do cristianismo, representaria além disso determinadas igrejas dotadas de um corpo de funcionários encarregados de promover a difusão da fé cristã, dentro de uma perspectiva dogmática ou a partir de uma leitura específica da bíblia, que carrega em si uma visão de mundo particular, atenta com os interesses dos grupos e sujeitos que agem em nome dela. Nesse viés, a denominação, como “Igreja Católica”, “Igreja Universal”, entre outras, quando obtém notoriedade, passa a ser encarada enquanto uma força social representativa de interesses, valores e concepções específicos que são defendidos e reafirmados em espaços sociais marcados por disputas incessantes. Na religião institucionalizada, ainda de acordo com meu ponto de vista, a denominação e todos os interesses dos grupos a ela ligados são colocados em primeiro plano, em detrimento da própria fé. Em outras palavras, a fé não precisa de estar ligada necessariamente à alguma instituição religiosa para ser praticada.

Destacados estes itens, passemos agora às fontes utilizadas na produção desta monografia. A metodologia empregada consiste na análise de 94 exemplares do jornal oficial da IURD, a Folha Universal, coletados entre o final de 2005 e início de 2009. O pressuposto teórico-metodológico utilizado no referente à análise do jornal Folha

Universal parte do princípio de que os jornais modelam formas de pensar e agir, de acordo com os interesses dos grupos sociais a que pertence. Nessa linha de raciocínio, muito contribuiu para as reflexões em torno da produção social da imprensa o artigo de Laura Antunes Maciel, intitulado “*Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920*”, contido no livro “*Muitas memórias, outras histórias*”.⁶

A análise das fontes escritas não seria proveitosa se encerrasse em si mesmas todo o trabalho de reflexões, indagações e discussões de que uma pesquisa é composta. Um jornal não é produzido de forma espontânea e despretensiosa, pois há todo um sentido na sua construção. Diversos sujeitos e grupos sociais estão por trás de sua concepção, expressando seus valores, visões de mundo e defendendo seus interesses. A imparcialidade da imprensa é um mito, mesmo porque a “imprensa” propriamente dita não existe; o que existe são pessoas de carne e osso encarregadas de sua produção, pessoas imersas num tecido social bastante complexo e dispostas a concretizar seus anseios.

Nessa perspectiva, a leitura do jornal Folha Universal foi acompanhada de visitas esporádicas ao Templo Maior da Igreja Universal em Uberlândia, principalmente nos cultos de domingo e em “Sessões do Descarrego”, realizadas às terças-feiras. Nessas visitas, minha intenção consistia em tentar conhecer melhor o universo de simbologias, crenças e ritos que os fiéis assimilam e compartilham tanto no espaço da igreja quanto em suas vidas cotidianas de modo geral. As conversas ocasionais que ocorriam com os fiéis, somadas às minhas mínimas experiências no que poderíamos denominar de “espaço iurdiano”, não objetivavam fazer com que eu pensasse enquanto um fiel, o que é praticamente impossível, pois não sou cristão, não freqüento a igreja de forma assídua, e muito menos compartilho as crenças e valores religiosos que, presumivelmente, um fiel da Igreja Universal possui. O contato com a igreja e com os fiéis era delineado no sentido de tentar compreender e problematizar diferentes aspectos da temática pesquisada.

Além disso, foram feitas algumas entrevistas com fiéis, cujas narrativas me possibilitaram mergulhar em todo um conjunto de referenciais culturais, vivências, valores e crenças peculiares, oferecendo novas perspectivas em relação a como estes sujeitos conferem significados e sentidos especiais às suas vidas, as quais possuem em

⁶ FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D’Água, 2005, pp. 14-40.

um de seus mais importantes eixos a fé que praticam na igreja. As entrevistas foram precedidas de discussões acerca da História Oral e suas possibilidades para o desenvolvimento de múltiplas temáticas a serem pesquisadas e estudadas, dentre elas a temática religiosa.

O fato de privilegiar ao longo do texto as discussões em torno de diferentes aspectos, com possibilidades de interpretações absolutamente amplas, sobre o jornal Folha Universal, não significa necessariamente que julgo as fontes escritas como mais importantes que as fontes orais, mesmo porque ambas não podem ser separadas, pois são produzidas socialmente por sujeitos conscientes de suas ações e intenções. A ênfase no jornal iurdiano deve-se sobretudo em função de escolhas que fiz a partir da vasta quantidade de exemplares adquiridos e pelas minhas várias indagações a respeito de distintos elementos em evidência no jornal.⁷

Em termos de estruturação, o texto divide-se em dois capítulos. No capítulo 1, tentei desenvolver, refletir e interpretar o diálogo que se estabelece entre a IURD e a sociedade brasileira nas páginas da Folha Universal, buscando identificar quais são os principais temas que estão sendo discutidos e como eles aparecem e são abordados, problematizando a disputa e construção de uma visão de mundo representativa dos grupos ligados à Igreja Universal.

Nos subtópicos do primeiro capítulo tento brevemente discutir a liberalização de alguns costumes pela IURD, que visa atrair cada vez mais pessoas para a igreja, para depois discutir a disputa iurdiana⁸ contra o catolicismo nas páginas da Folha Universal, discorrendo sobre como, através de uma linguagem que se afirma como universal e imparcial, os editores do jornal iurdiano tentam combater a influência católica na sociedade brasileira, para isso desqualificando-a enquanto doutrina cristã, ao mesmo tempo em que valorizam e enaltecem o avanço da Igreja Universal e seu “trabalho”, visto como essencialmente benéfico para o Brasil e ao mundo. Logo após esses itens, destaco o ingresso de membros da Igreja Universal na política partidária, aspecto que recebe notável espaço na Folha Universal. A seleção da incursão iurdiana na política partidária como aspecto relevante não significa necessariamente que eu considere o

⁷ Sobre o debate dos sujeitos que freqüentam a Igreja Universal no âmbito das discussões teórico-metodológicas acerca das fontes e narrativas orais, buscando compreender o crescimento da doutrina neopentecostal e as suas relações com a cultura e com as alterações econômicas da sociedade brasileira contemporânea, ver: LOPES, Rodrigo Barbosa. *Relações, disputas e valores: um estudo sobre os fiéis da Igreja Universal em Uberlândia*. Monografia de conclusão de curso, sob orientação do Profº Dr. Paulo Roberto de Almeida. Instituto de História: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

⁸ O termo iurdiano refere-se à IURD (Igreja Universal do Reino de Deus). Alguns autores utilizam o termo “universal” para designar os membros da IURD.

termo “política” como restrita meramente ao plano institucional. Entendo política como algo vinculado com todas as posições e atitudes praticadas no nosso dia-a-dia, como, por exemplo, não possuir religião ou votar nulo, ambos os casos em que me enquadro perfeitamente, diga-se de passagem.

Optei por colocar esses elementos em subtópicos, de modo a indicar algumas das escolhas que fiz dentre as várias possibilidades de análise no jornal Folha Universal, sabendo, entretanto, que cada um destes aspectos abordados neste trabalho merecem e exigem níveis de discussões e reflexões absolutamente amplos, cuja presente monografia não contempla devido ao recorte do objeto, falta de espaço ou por simples despreparo e imaturidade analítica de minha parte.

Já no capítulo 2 discuto a chamada “Teologia da Prosperidade”, um discurso que defende que o cristão pode e deve alcançar a prosperidade material através da prática da fé trabalhada pela Igreja Universal e demais igrejas neopentecostais, cujas lideranças associam esse sucesso material com a realização de ofertas e a entrega do dízimo por parte dos fiéis para que seus anseios sejam absolutamente concretizados. Neste capítulo são destacados alguns testemunhos, contidos no jornal, de fiéis que supostamente transformaram suas vidas para melhor, seja no campo financeiro, espiritual, familiar ou outro tipo, narrativas sempre divididas entre o “antes” e o “depois” do ingresso na IURD. A ênfase em relação ao dízimo feita pelas lideranças iurdianas em seu jornal oficial não significa, é bom ressaltar, que todos os sujeitos que freqüentam a igreja introjetem esse discurso utilitarista, de modo simples e passivo; afinal aceitar isso pressupõe ignorar a própria capacidade de pensar, agir e refletir que estes múltiplos sujeitos possuem. Também não quero afirmar que a prática religiosa destes sujeitos esteja resumida apenas à questão financeira e muito menos que o dízimo seja o principal elemento norteador desta prática. O que pretendo abordar é o amplo destaque que a chamada Teologia da Prosperidade detém na Folha Universal e como as lideranças iurdianas constroem esse tipo de discurso, problematizando a argumentação utilizada e as relações deste discurso com a sociedade atual, marcadamente individualista e consumista.

Por fim, volto a agradecer a meu orientador Paulo Roberto de Almeida, que além de sua notável contribuição, me concedeu grande margem de autonomia para produzir esta monografia, possibilitando que em vários momentos eu mesmo refletisse sobre os rumos do trabalho, pensando e errando por conta própria. Isso fez com que eu realmente me identificasse enquanto autor, algo que infelizmente não é a regra geral no meio

acadêmico. Neste sentido, os acertos são conjuntos, ao contrário dos equívocos e erros, que são inteiramente de minha responsabilidade.

CAPÍTULO 1

FOLHA UNIVERSAL: UM JORNAL A SERVIÇO DE DEUS?

“Tu, porém, tens seguido, de perto, o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança...”

Paulo escrevendo a Timóteo (2 Timóteo 3:10).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é, sem sombra de dúvidas, a igreja neopentecostal que mais cresce no Brasil, atuando também em mais de 170 países e é detentora de um verdadeiro império midiático. Fundada por Edir Macedo em 1977, a IURD já possui mais de 3 milhões de fiéis no Brasil, possuindo uma capacidade sem igual em matéria de divulgação de sua proposta religiosa, logicamente devido às suas inúmeras emissoras de rádio e TV, como também em função de seus periódicos impressos, como o jornal Folha Universal e a revista Plenitude.⁹

A Folha Universal é publicada desde 1992 e possui uma tiragem semanal de 2.668.500 exemplares, com 32 páginas cada. Comparado com grandes jornais em circulação no Brasil como a Folha de S. Paulo, por exemplo, a Folha Universal, em termos quantitativos, figura entre os maiores jornais do país. Ele reflete o crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, espelhando seus anseios e interesses, ora chocando-se, ora sintetizando-se com o espaço urbano marcado por constantes e múltiplas tensões e disputas.

A Folha Universal vem ampliando seu raio de ação e sofrendo reformulações gráficas no sentido de tornar, aos olhos dos responsáveis por sua publicação, um jornal cada vez mais renomado e prestigiado no Brasil. Entre o final de 2005 e o início de 2009, período em que foram coletados 94 exemplares para a pesquisa monográfica,

⁹ A Universal é proprietária de várias empresas: TV Mulher, Rede Record (com 63 emissoras, sendo 21 delas próprias), 62 emissoras de rádio no Brasil, Gráfica Universal, Editora Universal Produções, Ediminas S/A (que edita o jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte), Line Records (gravadora), Uni Line (empresa de processamento de dados), Construtora Unitec, Uni Corretora (seguradora), Frame (produtora de vídeos), New Tour (agência de viagens), entre outras. No exterior, a Universal possui emissoras de rádio e TV e instituições financeiras. Fonte: MARIANO, Ricardo, op. cit., 2004.

ocorreram basicamente três mudanças estruturais do jornal, que ocasionaram na duplicação do número de páginas de 16 para 32 e na diversificação de suas colunas nos moldes de grandes publicações do gênero, com a divisão em editorial, entrevistas, economia, política, grito dos aflitos, reportagem de capa, notícias internacionais, medicina, olhar feminino, antena e esporte. As reportagens mais facilmente identificadas com assuntos e opiniões de membros da Igreja Universal estavam inseridas em colunas específicas, como “Casos incríveis”, “Aconteceu na Universal”, “IURD nacional” e “IURD internacional”. Essa tentativa de discriminar os assuntos relacionados a um viés religioso e à Igreja Universal dos assuntos “gerais”, comuns a toda a sociedade e supostamente dissociados de concepções religiosas inerentes aos iurdianos responsáveis pelo periódico, ganhou impulso com a criação da “Folha IURD”, que passou a reunir em si todos os temas referentes ao âmbito iurdiano no plano nacional e internacional.

De acordo com este modelo estrutural, a Folha Universal seria compartimentada em duas: de um lado, a “Folha IURD”, compreendida entre as páginas 13 e 20 (1i-8i), abordando temas relevantes e específicos da Igreja Universal, como opiniões de seus membros, testemunhos de fiéis, política partidária, consultas espirituais, orientações para as mulheres e realizações da igreja no Brasil e no mundo; de outro, nas páginas 1-12 e 21-32 (ou 1-24), todas as outras notícias que teoricamente extrapolariam o campo religioso e que, por isso mesmo, deveriam ser tratadas de modo “imparcial” e desarraigadas das influências que a proposta religiosa concebida por seus editores poderia englobar. Deste modo, temas cotidianos como a violência, saúde, economia ou educação seriam abordados sem interferências de crenças e valores religiosos, portanto, dentro de uma linguagem que se quer afirmar como imparcial ao mesmo tempo em que tenta obscurecer o lugar social de onde falam os sujeitos encarregados da publicação da Folha Universal.

Quando trabalhamos com jornais devemos essencialmente buscar desvendar os significados, interesses e tensões que pontuam a produção dos registros neles contidos, entendendo os jornais como fontes que organizam narrativas sobre um determinado tempo histórico, atuando como uma força ativa e em disputa constante no que condiz à elaboração de construções históricas e na formação da opinião pública. A crítica à imparcialidade e universalidade reivindicadas pela imprensa se faz necessária, problematizando seu papel no ordenamento da realidade social e na constituição de memórias hegemônicas. À esse respeito, a historiadora Laura Antunes Maciel propõe-

nos uma abordagem que tenha como foco as relações da imprensa com a produção social da memória:

Para fazer avançar a problematização em torno dos processos sociais de constituição das fontes e linguagens com as quais trabalhamos, creio ser necessário explicitar e diferenciar abordagens e formas de trabalhar com a imprensa, refletindo criticamente sobre nossos procedimentos e as questões que orientam nossa prática de pesquisa. O ponto central de nossas reflexões passa por uma atenção às disputas e lutas que marcam a produção social da memória, considerando a imprensa um dos lugares privilegiados para a construção de sentidos para o presente e uma das práticas de memorização do acontecer social. Mas se quisermos intervir nas formas como se constroem sentidos e interpretações para e no presente, creio ser necessário refletir sobre a forma como se articulam no presente as diversas forças capazes de produzir representações históricas, buscando as suas conexões com instituições dominantes e o papel que jogam para obter consenso e construir alianças nos processos de políticas formais.¹⁰

A memória não está relegada apenas ao tempo passado e remoto. Ela é antes de tudo uma força constituidora do processo social e histórico, uma força que é disputada pelos diversos sujeitos e grupos que compõe a sociedade. Sendo a memória feita de lembranças e esquecimentos, isto é, apresentando caráter seletivo, ela pode servir a diferentes fins, seja para justificar a ordem vigente ou para contestá-la, sendo expressa nas mais variadas linguagens e esferas da sociedade. Dentro dessa lógica, a memória histórica exerce papel decisivo, constituindo uma força capaz de embasar e naturalizar privilégios, hierarquias, práticas repressivas e desigualdades sociais, raciais e/ou de gênero.

Os jornais representam um importante espaço em que seus proprietários, e grupos de interesses a eles associados, selecionam quais as notícias a serem publicadas e os elementos que devem merecer ênfase nas páginas da publicação, definindo quais aspectos da realidade que serão colocados em debate público, sempre a partir de uma ótica pautada pelo atendimento de seus anseios. Ao eleger determinadas interpretações, comportamentos, sujeitos e experiências consideradas válidas, prioritárias e memoráveis, silenciam sobre outras interpretações da realidade vivida, que por diversos motivos não recebem a aprovação de seus editores.

Assim como outros jornais, na análise da Folha Universal precisamos refletir sobre como esse meio de comunicação passa a mediar e participar das trocas e relações

¹⁰ MACIEL, Laura Antunes. *“Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920”*. In: FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D’Água, 2005, p. 15.

entre os habitantes das cidades brasileiras, lugares onde estão localizados os sujeitos para os quais o periódico é destinado preferencialmente, ao mesmo tempo em que refletimos sobre as condições específicas de produção e as linguagens do jornal, atentando aos modos como seus autores reelaboram demandas e interesses que vêm de seu público alvo.¹¹ *“Porque os jornais definem papéis sociais, entendemos que o destinatário está presente o tempo todo, ora fornecendo os parâmetros do discurso através da idealização que emissor faz dele, ora como tipo padrão de leitor que o emissor quer formar”.*¹²

A Folha Universal tenta criar uma escrita universal, com um enfoque mediador e acolhedor das diferenças e dos problemas que múltiplos sujeitos enfrentam em seu cotidiano. Isso é explícito na coluna “Grito dos Aflitos”, que em toda edição destacava as dificuldades presentes na sociedade brasileira e especialmente em diversas categorias profissionais, constituindo-se num espaço aberto para que trabalhadores pudessem expor seus problemas e as dificuldades enfrentadas por cada um no dia-a-dia. Um espaço reivindicado por estes trabalhadores freqüentemente ignorados pelo poder público e por parte da sociedade, que os responsáveis pela publicação da Folha Universal tentam “agregar” ao seu proveito, numa idéia de que a Igreja Universal acolhe todas as pessoas, independente de sua origem social, racial ou até mesmo religiosa. Costureiras, caminhoneiros, bancários, músicos, controladores de voo, artesãos, cozinheiros, engenheiros, contadores, professores e outros trabalhadores são convidados a falar sobre suas dificuldades profissionais e suas perspectivas para a melhoria de suas condições de trabalho. A coluna também abordava temas mais amplos, trazendo depoimentos de pessoas vítimas da violência que assola a sociedade, as principais reivindicações dos deficientes físicos e as limitações do salário mínimo para os trabalhadores de baixa renda, por exemplo. Enfim, um espaço aberto para que todos pudessem relatar seus problemas, suas críticas e suas aspirações, evidentemente com muitas limitações, já que o jornal *“assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a*

¹¹ Sobre o conceito de mediação e as discussões que envolvem os meios de comunicação de massa focados na incorporação de demandas populares que estes fazem, à luz do conceito de hegemonia, ver: MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2ª ed. 2003.

¹² VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. Op. cit., 1989, p. 54.

ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa".¹³

Nº 782
De 1 a 7 de abril de 2007
EDIÇÃO NACIONAL
2.136.000 exemplares

Folha Universal

www.folhauniversal.com.br

15

ANOS

QUEM É O RESPONSÁVEL?

O crescimento do número de maiores infratores é um problema de cunho político-social e não acontece apenas nas classes menos favorecidas. A quem atribuir a responsabilidade e como resolver essa questão? A *Folha Universal* ouviu especialistas sobre este assunto, que exige uma mobilização de toda a sociedade brasileira.

PÁGS. 16 e 17



Lei torna crime ensino da Bíblia



SENADOR MARCELO CRIVELLA
SE MANIFESTA CONTRÁRIO A PROJETO POLÊMICO

PÁG. 14

Maior reserva biológica do planeta está ameaçada

A Floresta Amazônica, que nos últimos 50 anos perdeu uma área equivalente à Região Sul somada ao estado de São Paulo, corre sérios riscos por causa do surgimento de cidades, madeireiras, grandes lavouras de gado e, principalmente, pela ação da biopirataria. Uma prática que causa enormes prejuízos à sua fauna e flora, com o comércio ilegal de plantas e animais, inclusive várias espécies que estão em extinção.



PÁG. 15

Proibição da camisinha provoca revolta

A campanha contra o uso de preservativos, feita pela Igreja Católica, é uma maneira de estimular a proliferação da Aids, segundo denunciam especialistas, entre eles o médico Dáuzio Varella (foto). Por isso, a sociedade brasileira trava uma grande luta contra essa posição do papado, considerada "criminososa", e que já mereceu também um comentário contundente do presidente Lula.



PÁG. 13

CONCURSOS

Vagas são para IBGE e Prefeitura de Joinville

PÁG. 07

GERAL

Mal de Parkinson: uma doença degenerativa

PÁG. 24

CIBTO DOS ARQUITOS

Técnicos em telefonia falam de suas dificuldades

PÁGS. 10 e 11

MUNDO

Libia abre suas portas para os Estados Unidos

PÁG. 19

BRASIL

Dengue continua como uma grande ameaça

PÁG. 18

Capa da edição nº 782 da Folha Universal, abordando entre outros assuntos o problema do crescimento da criminalidade entre os jovens brasileiros.

¹³ MACIEL, op. cit., p. 15.

No decorrer de 2008, a coluna “Grito dos Aflitos” e sua proposta foram diluídas nas páginas do jornal, mantendo inalterado seu intento em trazer problemas sociais diversos que afligem o país supostamente na visão dos sujeitos afetados por estes problemas, dentro de uma linguagem que se quer afirmar como imparcial. Nessa direção, a Folha Universal, na grande maioria de suas edições, traz reportagens investigativas e críticas sobre determinadas mazelas sociais típicas da sociedade brasileira, recorrendo geralmente a opiniões de terceiros com a intenção de tornar a linguagem deste meio de comunicação “neutra” de valores religiosos, mas sempre abordando cada assunto segundo aquilo que os sujeitos que produzem o periódico consideram importante recortar, editar e julgar, de acordo com a visão de mundo que se quer estabelecer, isto é, inerente ao projeto de sociedade que as lideranças iurdianas buscam concretizar.

Não devemos exagerar o alcance do jornal, já que o número de pessoas não-escolarizadas ou que não possuem o hábito de ler freqüentemente é muito alto no Brasil. Mesmo a Folha Universal sendo divulgada em uma tiragem considerada alta, isso não significa necessariamente que todas as pessoas, tanto os fiéis da igreja quanto aqueles que estão de fora dela, vão ler o jornal de maneira minuciosa ou, ao menos, de modo superficial. Além dos fatores acima mencionados, existe o fato de que a maioria dos fiéis é composta por trabalhadores que geralmente não possuem um tempo razoável para despender para atividades como uma leitura extensiva, por exemplo, devido principalmente à carga pesada de trabalho diário. A narrativa da fiel Irene Pereira pode evidenciar esse argumento, ao afirmar que não lê muito o jornal devido à falta de tempo, preferindo os programas de rádio e televisão da IURD:

Tarcílio: E aquele jornal Folha Universal... você apenas... você ajuda na evangelização, entregando os jornais ou você gosta de pegar e ler o jornal? O que você acha do jornal Folha Universal?

Irene: Muito bom jornal. Na evangelização eu não ajudo ainda não, aí o pouco que eu faço é pegar algumas Folhas na igreja e levar pra pessoas próximas, né? Não, assim, de ir, porque ainda eu não tô na evangelização ainda não, o pouco que eu evangelizo é só assim, é pegar pra ler, igual aqui no serviço com as meninas, pegar, levar pra casa, mas na evangelização enfim não. Mas o jornal é muito bom.

Tarcílio: E em termos de leitura, você acompanha de vez em quando? Falta de tempo...

Irene: o jornal é muito bom. (...) eu não leio muito não. O tempo que eu tô lá eu devo ter lido uns quatro jornais só. (...) É por falta de tempo

mesmo, né? Porque eu fico aqui [no local de trabalho] o dia inteiro, e em casa, quando chego em casa, as ocupações domésticas, né? São muitas. Às vezes eu vou dormir já meia-noite, uma hora da manhã, ocupada... É, o rádio é mais... eu coloco ele ali e tô fazendo as minhas atividades e tô ouvindo, né? É mais fácil, porque pra eu ler o jornal eu tenho que parar, reservar, né? Ler, pra sentar, procurar um... Mais aí é meio que complexo, porque as atividades em casa são muitas...¹⁴

Mas se não devemos superestimar o jornal, tampouco podemos desconsiderar seu poder de ação no que tange à difusão das propostas iurdianas. A Folha Universal é publicada com vistas a extrapolar sua distribuição entre os fiéis da igreja, fazendo parte da busca pela ampliação da influência e número de fiéis da Igreja Universal no Brasil. Para isso, o trabalho de evangelização é fundamental, promovendo o contato e visitas dos fiéis às residências de diversas pessoas que não estão (ou não querem estar) a par daquilo propagado pela igreja, evangelização essa feita através da oralidade e também pela “palavra” escrita contida na Folha Universal. Em sua narrativa, a fiel Mariza Venâncio, conta que, em um momento em que estava passando por dificuldades financeiras e psicológicas, ficou sabendo da proposta da Igreja Universal através do jornal da igreja entregue por sua irmã, a qual já freqüentava a igreja:

Tarcílio: A senhora estava passando dificuldades financeiras e psicológicas?

Mariza: É, assim, uns problemas familiar, né? Foi muita coisa... que tava acontecendo, eu tava assim muito pra baixo, né? Tava desempregada... Foi até na época que eu optei a fazer as faxinas... Foi aí que eu comecei a entrar na diária.

Tarcílio: E como você ficou sabendo da proposta da Igreja Universal? Então foi através da sua irmã ou também através de rádio, televisão...? O que mais?

Mariza: Isso. Foi pela rádio, que a gente ouve todo dia, pela televisão... a minha irmã também, recebeu o jornal, né? Através do jornal ela foi, trouxe o jornal também pra gente, a gente foi lendo os testemunhos e foi vendo que tinha a ver com a gente, né? Que aqueles testemunhos que estavam acontecendo podiam acontecer com a gente também. Então, aí a gente dedicou e tá lá até hoje.

Tarcílio: A sua irmã conheceu, então, basicamente através do jornal...?

Mariza: É, do jornal, da televisão...

¹⁴ Irene Teixeira Barbosa Pereira, natural de Unaí/MG. Veio para Uberlândia em 1990. Trabalha como encarregada de serviços gerais, na empresa Itálica Serviços, no campus Santa Mônica da UFU. Começou a participar das reuniões da Igreja Universal em abril de 2008. Entrevista realizada em 24/10/2008, no local de trabalho de Irene.

Tarcílio: E o que você acha do jornal Folha Universal?

Mariza: Eu acho muito bom. Eu acho que foi assim... levando a palavra assim direta, né? Pra pessoa, que às vezes a pessoa não tem rádio, não tem televisão, é uma pessoa carente que tá abandonada na rua, às vezes procurando uma palavra amiga e não encontra, aí o jornal fala tudo. O jornal, se ela sabe lê, ela vai ler o jornal, ela vai ver que a vida dela tem sentido, tem como mudar, né? O jornal é muito importante. Eu leio toda semana que eu pego, eu leio, passo pra frente. O meu irmão, aquele que tava aqui, ele gosta também, eu já guardo o jornal pra ele... o jornal é muito importante.

Tarcílio: Você lê freqüentemente o jornal?

Mariza: Leio. Vejo, assim, de muitos testemunhos, de cura, e a gente pode tá passando pras pessoas, né? Falo mostra o jornal, porque tem pessoas que não acredita que vai ser curada, e quando ela vê no jornal pessoas que tava pior do que ela foi curada, aí ela começa... vê o sentido da vida. Porque muitas pessoas que eu conheço, que fica doente, fala que não tem mais jeito, aí a gente mostra o jornal, fala “ó, pessoas pior teve jeito, a senhora também tem”, entendeu? O jornal é importante.¹⁵

Uma discussão sobre se a Folha Universal é um instrumento que colabora ou não para a expansão iurdiana na sociedade brasileira talvez não seja tão relevante assim como parece, mas seria interessante levarmos em consideração – e isso é muito mais uma indagação do que propriamente uma afirmação – que possivelmente muitas pessoas encontram nesse jornal um de seus escassos meios de informação no dia-a-dia, em função da falta de tempo, oportunidades e uma série de outros fatores condizentes com a situação precária materialmente vivida.

A forte sensação de limitação na vida cotidiana enfrentada por inúmeras pessoas encontra no discurso propagado pela Igreja Universal uma recepção ao mesmo tempo esperançosa e respeitosa, ao passo que, seja em programas de rádio e TV, seja no espaço físico da igreja, a linguagem praticada resulta mais em aproximação do que distanciamento em relação à angústia e questionamentos de muitas destas pessoas, abrindo a possibilidade de vislumbrarem um contato com a igreja, a fim de enfrentar e solucionar suas respectivas dificuldades. Com isso, um espaço acolhedor é esboçado a partir da tradução de experiências e sofrimentos cotidianos plurais, no qual sujeitos

¹⁵ Mariza Venâncio Ribeiro, 51 anos, natural de Itumbiara/GO. Trabalha na função de diarista. Veio para Uberlândia há 28 anos, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Freqüenta a Igreja Universal desde 2002. Entrevista realizada em 05/01/2009, na residência de Mariza.

sociais de origens distintas são recepcionados por “*um outro que maneja com dificuldade a sua própria língua e cultura, sem desqualificá-lo no seu fazer*”.¹⁶

Nessa perspectiva, a bem-sucedida presença da Igreja Universal na sociedade brasileira – e em outros países – pode ser melhor compreendida se levarmos em conta que a dinâmica do seu “papel evangelizador” não fica restrita à valorização da cultura letrada, como muitos podem supor se o foco remeter-se ao vasto rol de publicações da igreja, como a Folha Universal, a revista Plenitude, livros de Edir Macedo e outros bispos, e mais uma infinidade de publicações a ela vinculadas. Como indicado anteriormente, a cultura oral recebe especial tratamento pela igreja, estando presente nas narrativas dos fiéis ou no modo como se desenvolve a fala dos pastores. Neste ponto é conveniente citar Clara Mafra, quando nos chama a atenção sobre uma particularidade das novas igrejas evangélicas fundadas a partir da década de 1970, afirmando que:

Implantando-se de forma articulada com suas redes radialísticas, redes de centros de culto, jornais locais e, se possível, programas televisivos, chegam criando pontes sobre o aparente fosso entre cultura oral suburbana e cultura radiofônica ou digital. Nesse sentido, os novos pentecostais têm conseguido realizar uma proeza que o público suburbano que congrega não encontraria em outro lugar: um atalho entre a cultura oral, terreno marcado – na perspectiva dos centros de poder – pela falta, pela necessidade, pelo obscurantismo, para a cultura virtual, *locus* do paraíso dos dias atuais, onde se encontra a tecnologia, a abundância material imediata, o fim das distâncias espacial e temporal.¹⁷

Como dito, a imprensa tem um papel ativo e privilegiado no processo de memorização do social, conferindo “*visibilidade à determinadas experiências, memórias e histórias, transformando certos assuntos e personagens em notoriedade e definindo o enfoque e a duração das notícias*”¹⁸, seja pela repetição, destaque e/ou intensidade da narrativa apresentada. Considerando a Folha Universal como um espaço constituinte/constituidor da memória, podemos analisar como seu discurso é elaborado. Vejamos o caso de como é enaltecida a própria figura de Edir Macedo. Após a fundação da IURD em 1977, Macedo se envolveu em vários casos de corrupção e desvio de divisas. Foi preso em 1992, acusado de charlatanismo e diversas denúncias contra ele foram feitas. O caso mais grave foi a divulgação de um vídeo por um ex-pastor da igreja, Carlos Magno, em que Macedo aparece “ensinando” alguns pastores a arrecadar

¹⁶ MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 48.

¹⁷ Idem, p. 49.

¹⁸ MACIEL, op. cit., pág. 28.

cada vez mais dinheiro dos fiéis, inclusive com deboche de histórias bíblicas.¹⁹ No entanto, a Folha Universal, enquanto órgão divulgador dos interesses iurdianos, tenta apagar essa trajetória corrupta do fundador da IURD, construindo uma memória que se constitui hegemônica, caracterizada pela glorificação de Edir Macedo e, conseqüentemente, da própria Igreja Universal. Isso pode ser percebido no seguinte fragmento:

Edir Macedo, líder espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus, abriu mão de uma vida estável para servir exclusivamente a Deus. (...) Nestes 28 anos de lutas e conquistas, ele sofreu diversas perseguições, mas sempre superou seus desafios e se manteve firme no propósito de levar a Palavra aos desamparados e sofridos. Foi preso e humilhado, mas sobreviveu às tempestades para a glória e honra de Deus.²⁰

Certamente, os sujeitos não se dirigem à Igreja Universal em função da figura-mor de Edir Macedo, pois estão lá fundamentalmente em busca de apoio, orientações e soluções para as adversidades enfrentadas em suas vidas, na maioria dos casos não importando se o pastor x ou y é o encarregado de levar adiante o propósito evangelizador no templo no qual estes sujeitos se dirigem. Mesmo porque a rotatividade de pastores nos templos da IURD, imposta por sua alta cúpula, torna essa relação de identificação entre os fiéis e os pastores mais difícil de ocorrer, até mesmo em relação ao bispo fundador da igreja.

Alegando perseguição promovida por grupos contrários ao sucesso da Universal, as lideranças iurdianas tentam reconstruir a imagem pública de Edir Macedo perante os seus fiéis e para a sociedade brasileira, omitindo fatos que marcaram negativamente sua vida para assim venerá-lo enquanto um homem que venceu desafios e obstáculos unicamente para a concretização da vontade de Deus, representada pela fundação da igreja.

Este fragmento demonstra como as narrativas presentes na Folha Universal são constituídas a partir de uma posição que tenta passar ao leitor o máximo de objetividade e imparcialidade, colocando-se “de fora” dos fatos e agindo com “neutralidade”. É neste ponto que verifica-se essencial citar Déa Fenelon, quando esta afirma que “como

¹⁹ Essa reportagem foi exibida pela Rede Globo em 1995, num contexto marcado por intensas acusações entre a emissora carioca e a Igreja Universal. Dentre outros pontos, a motivação dos ataques promovidos pela emissora da família Marinho à Universal origina-se na compra polêmica da Rede Record de Televisão por esta. As acusações mútuas até hoje não cessaram e a Record já ameaça o domínio “global” no Brasil com sua vertiginosa expansão, impulsionada com a entrada de capitais iurdianos na emissora.

²⁰ Folha Universal, edição nº 698, de 21 a 27 de agosto de 2005, pág. 6A.

*qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais”.*²¹

As formas com que a linguagem no jornal Folha Universal é elaborada nos remete ao fato de que tentar falar em nome de todos e apagar as diferenças em prol de um discurso conciliador é uma prática utilizada constantemente por grupos que pretendem justificar e legitimar seus projetos, modos de vida e formas de encarar a sociedade ao seu redor. Isso significa afirmar que esse jornal, enquanto propriedade de um determinado grupo que busca atender aos seus interesses, constitui formas de olhar e narrar o acontecido e fixa uma versão entre outras possíveis, sendo, por isso, necessário investigar os significados dos silêncios e omissões, juntamente com sua loquacidade sobre algumas temáticas.

1.1 – Liberalizar para agregar

Os membros da Igreja Universal, em especial suas lideranças, transmitem uma mensagem para a sociedade brasileira de que a fé iurdiana não inibe certas práticas cotidianas e modos de vida que outras igrejas evangélicas hostilizam ou até mesmo proíbem. A Igreja Universal distancia-se do ascetismo que durante décadas estigmatizou a imagem dos evangélicos. A forte desvalorização de grande parte daquilo tido como inerente à vida terrena e a profunda oposição entre “as coisas de Deus” e “as coisas do mundo” fora rompida pelos iurdianos.²² Valorizar o mundo não significa aceitá-lo naturalmente, mas viver nele de acordo com uma visão de mundo agregada de valores morais e éticos pautados por uma leitura particular dos preceitos cristãos à luz da contemporaneidade. Isso pode ser percebido no modo como vários aspectos anteriormente polêmicos no universo evangélico brasileiro são abordados na Folha Universal.

²¹ FENELON, Déa R, op. cit., 2005. p. 6.

²² Esse afastamento de uma visão ascética não é exclusividade da IURD. Em fins da década de 70 e início dos anos 1980, o pipocar de novas idéias, discussões teológicas e dissidências no interior das igrejas evangélicas brasileiras tiveram em um de seus pontos centrais a questão da inserção de seus membros na sociedade. Esse debate desembocou em divergências de posicionamento e tensões entre as lideranças evangélicas sobre diferentes aspectos, destacando-se a questão da vestimenta, riqueza material e participação na vida pública.

A maneira dos fiéis se vestirem é um destes itens. Enquanto igrejas evangélicas estabelecidas há mais tempo no Brasil, destacando-se a Assembléia de Deus, tendem a indicar um padrão de vestimenta aos seus fiéis, como o terno, as saias e vestidos longos e os cabelos amarrados, as novas igrejas evangélicas, que possuem como expoente máximo a Igreja Universal, vêm assumindo uma atitude mais liberalizante, delegando ao converso o encontro da vestimenta mais adequada ao seu gosto e/ou padrão de vida. Essa ausência de padronização da vestimenta pôde ser comprovada nas visitas aos cultos da igreja. Lá podemos encontrar homens usando bonés, bermudas, camisas de grupos de rap ou de rock, mulheres usando maquiagem, perfume e roupas no mínimo sedutoras. As restrições nesse quesito são mínimas. O que importa de fato é a fé que a pessoa pratica no interior da igreja e em sua vida cotidiana, entendendo por “fé” tudo relacionado aos ensinamentos e propósitos iurdianos, como as ofertas, o dizimo, correntes de oração, evangelização e as várias campanhas promovidas pela igreja.

A Folha Mulher, que alterou o nome para Olhar Feminino, uma coluna fixa da Folha Universal, demonstra com maior nitidez essa liberalização nos modos de vestir dos fiéis da IURD, dando dicas para as mulheres sobre roupas, cortes de cabelo, sandálias e acessórios mais adequados à cada situação e estação do ano, além de divulgar as principais notícias e tendências do mundo da moda, destacando até mesmo desfiles famosos como a São Paulo Fashion Week.

22 | **Folha Universal**
DOMINGO
27 • JULHO • 2008

Pílula da beleza



Novidade no País, cápsula promete inibir rugas e retardar o envelhecimento

Por Mariana Moura
mariana.moura@folhauniversal.com.br

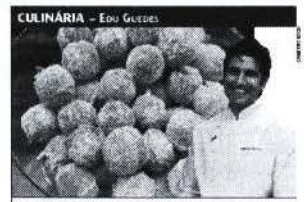
Seguindo a onda dos nutricosméticos (especie de cosméticos orais) que já contava com pastilhas para manter o bronzeado e para evitar a queda de cabelos, chegou ao Brasil, neste mês, a pílula da

beleza, o chamado **lunivôr Ferrocé**, que promete inibir rugas e esticar a pele. Assim como os similares, o produto existe há anos, mas só no exterior. Tem proteínas do leite combinadas com licopeno, poderoso antioxidante que atua na renovação celular e protege as células que sustentam a pele.

Mas como milagres não existem, quem aposta na novidade (R\$ 99 a caixa) tem que aliar o produto a exercícios e alimentação saudável. “As pílulas não vão embelezar ninguém sozinha. É preciso comer frutas e legumes, evitar açúcar, fazer exercícios e usar protetor solar”, diz a dermatologista Maira Brasil Parada.

olhar feminino

CULINÁRIA – EDO GUEDES



BOLINHO DE CHUVA

Ingredientes:

- 1 xícara (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (sobremesa) de fermento
- 1 xícara (chá) de leite
- 1/2 xícara (chá) de açúcar
- 1 ovo
- Óleo para fritar
- Açúcar e canela para polvilhar

MODO DE PREPARO:

Bata bem o ovo, coloque o açúcar, o leite e misture muito bem a farinha de trigo. Por último, coloque o fermento. Para fritar, faça pequenos bolinhos (o equivalente de 1/2 colher de sopa de massa).

Frite em fogo baixo e, por último, polvilhe com canela e açúcar.

Fonte: reportagem em 2007 / Chef Edson Guedes

Folha Universal, nº 851, de 27 de julho a 2 de agosto de 2008, p. 22.

As atividades físicas são vistas a partir de uma ótica renovada. O esporte é um meio absolutamente eficaz de prevenir doenças e manter o corpo saudável, um dado que na Folha Universal não passa despercebido. Os cuidados com o corpo vinculados à prática esportiva, outrora encarada com certo receio por setores evangélicos tradicionais, recebe um *status* de item fundamental para que o fiel possa apresentar um “espírito” mais vigoroso a partir de um corpo saudável promovido pela prática de esportes. Na coluna “Esporte”, são abordadas as principais notícias do meio esportivo brasileiro e mundial, abrindo um espaço, vez ou outra, para destacar o trabalho dos esportistas ligados à Igreja Universal, além de apresentar jogos beneficentes promovidos por pastores e fiéis da igreja.

O sexo também não é visto de forma pejorativa, mas como algo prazeroso que ajuda no bem-estar espiritual do fiel e estimula o bom convívio do casal. As lideranças neopentecostais adotam uma postura permissiva em relação ao ato sexual, não o restringindo para fins de procriação, liberando seus fiéis de inibições e constrangimentos que em denominações evangélicas mais conservadoras representariam um sinal de adoração do Diabo e da fraqueza às tentações carnis. ²³ Na Igreja Universal, o assunto é tratado abertamente com os fiéis. O bispo Macedo, em suas declarações públicas, faz questão de ressaltar os benefícios contidos na atividade sexual: *“o sexo é uma dádiva. É pilar do casamento. Não foi criado pelo diabo, mas por Deus. O sexo é para ter prazer. A cama é a base da aliança no altar. É o momento de aliviar tensões”* ²⁴ No entanto, esse hedonismo possui limites, explicitados na defesa das potencialidades do sexo somente dentro da relação conjugal e da virgindade antes do casamento.

Além destes itens, temos o estímulo para que o leitor da Folha Universal, seja fiel da igreja ou não, fique em sintonia com a grade de programação da Rede Record de Televisão, cuja proprietária é a própria Igreja Universal. A supervalorização da emissora de Edir Macedo está presente em todas as edições do jornal, mais especificamente na coluna “Antena”, que além de destacar as principais novidades da Record em termos de novelas, telejornais, aquisições esportivas (como a exclusividade de transmissão dos Jogos Pan-americanos de 2011 em Guadalajara e das Olimpíadas de 2012 em Londres), programas de auditório, entre outros, freqüentemente faz severas

²³ Indagada sobre o que pensava a respeito do sexo, Sônia Hernandes, pastora da Renascer em Cristo, respondeu: *“Pelo amor de Deus! É superprazeroso! É uma das coisas boas que Deus inventou pra gente”*. Citado em: MARIANO, 2005, p. 192.

²⁴ Revista Plenitude, ano 27, nº 150, novembro de 2007, pp. 1 e 11.

críticas à Rede Globo de Televisão, a principal concorrente da emissora iurdiana. Não devemos perder de vista que a Record contribui de maneira significativa para o projeto de consolidação do crescimento e influência da IURD, principalmente em função de seu vultuoso volume de capital arrecadado pela igreja e que pode ser disponibilizado para a expansão dos investimentos iurdianos em aquisições midiáticas. A gama de reportagens com menção à Igreja Universal transmitidas pela emissora é vasta, englobando temas religiosos²⁵ e outros de interesse geral da igreja, na medida em que exibe reportagens condizentes com o discurso iurdiano e sempre dispostas a defender a imagem pública de seus fiéis e lideranças.

Em linhas gerais, essa liberalização dos costumes facilmente visualizada nas páginas da Folha Universal tenta atrair sujeitos de origens, crenças e valores plurais para a IURD, transmitindo a idéia de que a igreja está aberta a todos que tenham interesse em conhecer a fé singular praticada em seu espaço, sem implicar em uma rígida restrição dos hábitos e modos de vida destas pessoas. Agindo desta maneira, os membros da Igreja Universal objetivam a desconstrução de um estereótipo evangélico estigmatizador caracterizado pela reclusão social, fanatismo religioso e costumes rígidos; em seu lugar proclama um discurso acolhedor, e portanto não inibidor, da multiplicidade de sujeitos que todos os dias lotam os templos da IURD no Brasil.

1.2 – A disputa iurdiana contra o catolicismo

Nas dezenas de exemplares da Folha Universal pesquisados, um aspecto recebeu enorme ênfase nas páginas do jornal: a hostilidade iurdiana frente à influência da Igreja Católica na sociedade brasileira, e o combate ao próprio catolicismo em sua totalidade, visto, acima de tudo, como essencialmente prejudicial aos brasileiros e ao mundo. Inúmeras reportagens, muitas na condição de manchete, “denunciam” o retrocesso que a cúpula católica exerce em variados campos da sociedade, como a economia, a política, os meios de comunicação, a família e a ciência, atuando no sentido de inibir o “avanço” ou melhoria de cada área.

Desde o famoso episódio do “chute na Santa”, em 12 de outubro de 1995, no qual o bispo da Igreja Universal Sérgio Von Helde, em pleno feriado de Nossa Senhora

²⁵ Esporadicamente, a Record transmite reportagens relacionadas à Igreja Universal, sobretudo no programa “Domingo Espetacular”, como especiais sobre Abraão, a Arca de Noé, o Monte Sinai, a relevância histórica da Bíblia, além de testemunhos de pessoas que foram transformadas pela IURD.

Aparecida, chutou e socou a imagem da respectiva Santa em um programa transmitido pela Rede Record, a história entre as lideranças iurdianas e o catolicismo é carregada de ataques e tensões mútuas. Esse histórico de hostilidades evidentemente não ocorre de forma gratuita. O Brasil era, em décadas passadas, um reduto católico fundamental para a permanência da hegemonia do Vaticano na América Latina. Sua base de fiéis no país era numericamente muito expressiva. No entanto, sobretudo a partir da década de 1970, o rápido crescimento das igrejas evangélicas, em especial aquelas criadas naquele momento, como a IURD e a Internacional da Graça de Deus, começou a conquistar um número cada vez maior de pessoas provenientes do catolicismo, destacadamente aquelas que se declaravam “não-praticantes”, enquanto a Igreja Católica assistia, de maneira estacionária, às múltiplas expressões religiosas no seu interior. Desde então, as disputas entre estas novas igrejas evangélicas e a Igreja Católica estão arraigadas nas mais diversas áreas sociais.

A fim de legitimar a inserção ascendente da Igreja Universal na sociedade brasileira, é preciso desmoralizar e desqualificar o clero romano atuante no país, tarefa levada a cabo pelos iurdianos da Folha Universal. Em um artigo intitulado “Países católicos são os mais atrasados”, os responsáveis pela editoração e publicação da Folha Universal defendem que os países do denominado “Terceiro Mundo”, dentre eles o Brasil, apresentam um quadro social de profunda miséria, desigualdade social e violência, além de outros problemas “típicos” destes países, como a corrupção e o atraso tecnológico, devido intrinsecamente à herança católica que carregam em sua formação histórica. De acordo com este artigo, o Brasil e a América Latina são atrasados do ponto de vista cultural, material e tecnológico em função da atuação dos jesuítas, que promoveram uma colonização voltada apenas para o aproveitamento econômico das potencialidades naturais da região, procurando construir nesse processo igrejas com a finalidade máxima de alienar o povo, situação diferente, por exemplo, do caso estadunidense, cuja meta de colonizar, segundo o artigo, era levantar universidades. Eis um trecho do referido artigo:

Enquanto países predominantemente evangélicos avançam a passos largos em todos os aspectos, tornando-se símbolos de prosperidade, de economia arrojada e menores índices de corrupção, aqueles que foram dominados pela cultura católica vivem com o pires na mão, escravos dos bancos internacionais. Nestes países em que a Igreja de Roma fez e aconteceu, faltam emprego, saúde, educação, moradia, saneamento,

entre outras necessidades básicas para uma sobrevivência digna. Sobram violência, corrupção e miséria.²⁶

É prudente lembrar que o contexto em que foi publicado este artigo coincidia com um momento político-partidário bastante conturbado no Brasil, quando em 2005 emergiram sucessivos escândalos de corrupção, sendo o mais divulgado o “escândalo do mensalão”. As notícias envolvendo o descrédito das instituições políticas estavam em voga, daí certo oportunismo por parte dos responsáveis pela Folha Universal no tocante à publicação de reportagens denunciando e combatendo a corrupção, cuja incompatibilidade com os valores cristãos é a todo instante afirmada, ao mesmo tempo em que a influência católica na sociedade é combatida, já que ela estaria vinculada, essencialmente, à prática da corrupção.

Nesse sentido, a comparação entre os países de maioria católica com os de maioria evangélica é enfatizada, no intento de “esclarecer” os motivos pelos quais muitos países, como os Estados Unidos e a Suécia, são desenvolvidos e prósperos, uma riqueza que é associada, dentre outros itens, com a presença ampla de igrejas evangélicas:

A herança maior que a Igreja Católica legou, na opinião de alguns especialistas, foi o atraso cultural e tecnológico, além dos altos índices de corrupção e miséria. Basta ver, no mapa do mundo, para confirmar a vitória do povo evangélico em países como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Suécia – só para citar os mais conhecidos. Com este legado de abandono, exploração e corrupção que a Igreja Católica espalhou, fica a esperança e o exemplo destes países vitoriosos, de maioria evangélica, que souberam dizer não às radicais imposições do Vaticano.²⁷

O catolicismo também estaria vinculado com a falta de moralidade, explicitada pelos frequentes escândalos sexuais envolvendo padres e demais lideranças católicas, acontecimentos que, por sua vez, receberam grande notoriedade no jornal da IURD. Dentro desse desregramento imoral do clero romano, os casos que mais foram destaques no jornal, sem sombra de dúvidas, foram aqueles relacionados com a prática da pedofilia. “Cardeais denunciados em casos de pedofilia”²⁸, “Documentário sobre padres pedófilos gera polêmica na Itália”²⁹ e “Bispo católico envolvido em escândalo homossexual”³⁰ são algumas das várias reportagens que abordam um tema que começou

²⁶ Folha Universal, edição nº 698, de 21 a 27 de agosto de 2005, pág. 6A.

²⁷ Idem.

²⁸ Folha Universal, nº 756, 1/10/2006, p. 18.

²⁹ Folha Universal, nº 791, 3/06/2007, p. 19.

³⁰ Folha Universal, nº 701, 11/09/2005, p. 6A.

a vir à tona de modo incessante desde meados da década de 1990, e essa série de denúncias somente iria de encontro a uma “constatação”, reafirmada pela Igreja Universal a todo instante, do comprovado desvirtuamento dos preceitos cristãos por parte da Igreja Católica, cuja “impureza” representada pelas condutas de suas lideranças demonstraria a necessidade de combater o poder e a influência católica em escala mundial.

Outro ponto que é sinônimo de discordâncias entre os iurdianos e o Vaticano gira em torno do uso (ou não) de preservativos sexuais, em especial a camisinha, como forma de prevenir problemas graves como uma gravidez indesejada ou evitar a contaminação pelo vírus HIV. A posição conservadora da alta cúpula da Igreja Católica em proibir o uso da camisinha pelos seus fiéis, determinação nem sempre seguida pelos mesmos, é fundamentada no receio de que a permissão do preservativo incitaria um comportamento sexual desregrado, ameaçando o sustentáculo conjugal baseado na fidelidade, que seria o meio mais eficaz para combater doenças sexuais como a Aids, de acordo com o viés católico. No entanto, essa posição gera críticas de especialistas médicos, de setores sociais organizados, entre boa parte dos fiéis católicos e por aqueles que desejam uma melhor definição das políticas públicas que envolvam a tentativa de diminuir a proliferação do vírus HIV.

Nesse ponto de vista, a Folha Universal se apropria deste debate, que extrapola os campos da saúde e da religião, e tenta, dentro de uma linguagem com pretensões de imparcialidade e universalidade, falar em nome de todos aqueles que condenam o retrocesso católico no tocante ao uso de preservativos, defendendo sua difusão para os chamados “grupos de risco” – jovens, pobres, usuários de drogas e prostitutas. O discurso “acolhedor”, que busca agregar para si forças que lutam pelo atendimento de determinadas reivindicações, se faz mais uma vez presente, em caráter de denúncia contra a conduta inadequada das lideranças católicas. Os editores do jornal recorrem a opiniões de especialistas conceituados com a finalidade de conferir maior embasamento para a crítica divulgada: *“A campanha contra o uso de preservativos, feita pela Igreja Católica, é uma maneira de estimular a proliferação da Aids, segundo denunciam especialistas, entre eles o médico Dráuzio Varella. Por isso, a sociedade brasileira trava uma grande luta contra essa posição do papado, considerada ‘criminosa’”*.³¹

³¹ Folha Universal, nº 782, 1/04/2007, p. 13.

As posições retrógradas defendidas pelo Vaticano abrem um campo cada vez maior de ação para os grupos que disputam com a Igreja Católica determinados espaços na sociedade, destacadamente no que diz respeito aos grupos neopentecostais atuantes no Brasil. Fatos como a condenação do uso da camisinha pelo papa Bento XVI, em sua visita à África em março de 2009, um continente que possui milhões de pessoas contaminadas pelo vírus HIV, são um prato cheio para essa desqualificação do catolicismo enquanto doutrina religiosa com forte presença no social.

Nº 865
De 2 a 8 de novembro de 2008
EDIÇÃO NACIONAL
2.670.250
EXEMPLARES

Folha Universal DESDE 1992

www.folhauniversal.com.br

O BRASIL QUER DECIDIR

Pesquisa revela: três em cada quatro católicas apóiam o direito de interromper a gravidez de fetos anencéfalos. Levantamento coloca em xeque religiosos conservadores, que ainda resistem ao assunto que tem mexido com o País



Aborto influencia o voto nos Estados Unidos
Ao lado da crise econômica, o polêmico tema monopoliza a campanha presidencial. Eleição é na terça-feira

Capa da edição nº 865, de 2 a 8 de novembro de 2008, assinalando a gravidade da questão do aborto no Brasil e, principalmente, o conservadorismo católico que condena tal prática.

Mas o eixo central desse combate à influência católica na sociedade brasileira promovido pela IURD, nas páginas da Folha Universal, gira em torno de uma questão muito discutida entre religiosos, médicos e diversos setores sociais: a legalização do aborto. Segundo o Ministério da Saúde, no Brasil são praticados anualmente cerca de 1 milhão de abortos³², parte significativa deles levando à morte dezenas de mulheres, devido às condições precárias em que são realizados, muitas vezes feitos em clínicas clandestinas e com o uso de materiais inadequados e não-higienizados. A alta taxa de mortalidade e infecções resultantes da tentativa de aborto ocorre porque no país a prática é proibida com força de lei, exceto quando a gravidez decorre de estupro ou quando ela oferece riscos para a gestante, sendo deste modo permitida. De acordo com os responsáveis pela publicação da Folha Universal, a interrupção da gravidez, que poderia salvar a vida de várias mulheres, não é legalizada no Brasil em função da atuação de forças altamente conservadoras da sociedade, as quais encontram no clero católico a sua máxima expressão.

O Vaticano se manifesta contra o aborto com a justificativa de “defender a vida”, isto é, a gestação não pode ser interrompida porque o feto já é detentor de vida e alma, por isso abortar, nessa concepção, significaria o mesmo que matar. A posição católica é vista, no discurso construído no periódico iurdiano, como uma prática similar ao terrorismo:

Inquieto com a perda de fiéis, o clero romano afirma que vai batalhar por suas posições na sociedade. (...) O fato do aborto ser crime no Brasil gera muita polêmica. De um lado, estão os chamados “pró-vida” – geralmente católicos fervorosos que preferem manter o aborto na lista de crimes do Código Penal Brasileiro. De outro, estão organizações feministas, que defendem o direito de escolha das mulheres (...).³³

Em fevereiro de 2009, uma menina de 9 anos foi estuprada pelo padrasto em Recife, resultando desse ato a sua gravidez. Um grupo de médicos responsáveis pelo tratamento clínico da vítima passou a defender o aborto como meio imprescindível para salvar a vida da menina, que evidentemente não apresentava condições físicas adequadas à gestação. As lideranças católicas de Pernambuco, tendo à frente o arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, protestaram contra a decisão dos médicos, praticamente isentando de responsabilidade o estuprador. Com a interrupção da gravidez da menina, os médicos envolvidos foram excomungados pela

³² Isso de acordo com dados publicados pela Folha Universal, nº 792, 10/06/2007, p. 13.

³³ Folha Universal, nº 793, de 17 a 23 de junho de 2007, p. 15.

Igreja Católica, gerando reações de diferentes setores, como os próprios médicos e até mesmo do presidente Lula que, apesar de católico, criticou duramente a postura dos dirigentes da Igreja Católica no caso. Na reportagem “Médicos contra o Vaticano” podemos destacar o seguinte trecho:

Para [Dráuzio] Varella, a decisão do arcebispo, que criticou duramente os médicos e os excomungou, é absolutamente coerente com os princípios que regem a Igreja Católica “desde os tempos da Inquisição”. “O arcebispo de Olinda e Recife não cometeu nenhum disparate, agiu em obediência estrita ao Código Penal do Direito Canônico: o cânone 1398 prescreve a excomunhão automática em caso de abortamento. Por que cobrar a excomunhão do padrasto estuprador, quando os católicos sempre silenciaram diante dos abusos sexuais contra meninos, perpetrados nos cantos das sacristias e dos colégios religiosos?” (...) Para Varella, enquanto a medicina busca a cura, o Clero Romano prega o sofrimento. (...) “A esperança de que a instituição um dia adote posturas condizentes com os apelos sociais é vã; a modernização não virá. É genuidade esperar por ela”.³⁴

Podemos notar que, mais uma vez, os editores da Folha Universal colocam-se em meio ao debate de forma a denunciar o posicionamento do Clero Romano, ao mesmo tempo em que recorre a argumentos críticos de “terceiros”, como o médico Dráuzio Varella, tentando articular as forças conflitantes em torno do caso referido com “neutralidade”, que se quer afirmar como inerente ao texto jornalístico, mas que serve para camuflar os múltiplos interesses que os líderes da Igreja Universal tentam satisfazer com a abordagem do caso nas páginas de seu jornal oficial.

1.3 – “Um projeto de Deus”: a inserção na política partidária

A visão de mundo e o projeto de sociedade propagado pelos membros da Igreja Universal chocam-se com interesses de diferentes grupos na sociedade, sendo por isso necessário disputar espaços, reafirmar valores e consolidar posições no campo social. E um dos caminhos que as lideranças iurdianas vislumbram para atender seus anseios encontra-se em sua inserção no jogo da política partidária.

Com uma coluna permanente em suas páginas sobre política institucional (“Política e Fé”), a Folha Universal constitui-se em uma verdadeira plataforma eleitoral para os candidatos apoiados e/ou ligados diretamente à IURD, sempre enfatizando o “bom trabalho” dos políticos iurdianos, que supostamente se destacariam dos demais em

³⁴ Folha Universal, edição nº 885, de 22 a 28 de março de 2009, pp. 14-15.

virtude da moralidade e comprometimento com os melhores valores cristãos, que se afastariam, em última instância, das práticas de corrupção e da predominância dos interesses privados em detrimento do público, marcas registradas do cenário político-institucional brasileiro.

A Igreja Universal do Reino de Deus começou sua incursão efetiva na política institucional brasileira em 1986, quando elegeu seu primeiro deputado federal. Em 1990, foram três federais e seis estaduais. Em 1994, a igreja duplicou sua bancada na Câmara e elegeu oito estaduais. A grande arrancada ocorreu em 1998, quando foram eleitos 17 federais e 26 estaduais. Em 2002, elegeu 16 federais e 19 estaduais.^{35 36}

A influência iurdiana no processo eleitoral pôde ser logo comprovada nas eleições de 1989, quando a cúpula da Universal se posicionou abertamente a favor de Collor. As palavras de Edir Macedo ilustram isso: “*Após orar e pedir a Deus que indicasse uma pessoa, o Espírito Santo nos convenceu de que Fernando Collor de Mello era o escolhido*”³⁷. Tal conduta ocorreu principalmente pelo medo compartilhado pelos evangélicos de modo geral que, caso Lula vencesse, o “comunismo ateu” acabaria com a liberdade religiosa no Brasil.³⁸

A IURD é pluripartidária, estando os políticos iurdianos espalhados por vários partidos. Recentemente o PRB (Partido Republicano Brasileiro) vêm se tornando o partido que mais atrai os iurdianos, ainda mais depois que lançou a candidatura do Senador Marcelo Crivella, bispo da Universal, para governador do Rio de Janeiro, em 2006, e posteriormente para prefeito da mesma cidade, em 2008, ambas fracassadas. Contudo, continua prevalecendo o pluripartidarismo. Possui uma rígida e vertical hierarquia. No topo está o intocável Edir Macedo, que estabelece as diretrizes principais e a quem todos devem obedecer. Sobre a força que essa hierarquia possui no interior da Igreja Universal, Valdemar Figueiredo Filho comenta:

Nota-se na retórica política-religiosa que a igreja é quem indica os candidatos, os elege através dos votos de seus fiéis e não admite atuações independentes. Existem orientações políticas que devem pautar a atuação de

³⁵ ORO, Ari Pedro. *A Política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros*. Artigo apresentado no XXVI Encontro Anual da Anpocs, realizado em Caxambu, MG, entre os dias 22 e 26 de outubro de 2002, no GT Religião e Sociedade. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092003000300004&script=sci_arttext&tlng=ptpt. Acesso em: 20/10/06.

³⁶ Por falta de dados concretos e das divergências entre as fontes, os números referentes à eleições de 2006 ficaram omitidos.

³⁷ PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. Editora Hucitec, São Paulo, 1996. pág. 193.

³⁸ Ibidem, pág. 201.

todos, bem como comandos setoriais. Os que não se alinham à política hierárquica da IURD são retirados dos seus quadros – religioso e político.³⁹

Analisando a Folha Universal, verifica-se que para justificar a sua vertente política, a IURD, assim como outras igrejas neopentecostais, defende a idéia de que a corrupção presente na política brasileira é a antítese dos princípios cristãos morais e éticos. Deste modo, os “homens e mulheres de Deus” são os mais aptos para estabelecer uma nova moral pública e uma nova ética na política. Assim a corrupção justifica e legitima o ingresso na política, pois eles se consideram uma espécie de “reserva moral” da sociedade.

Ao lado da justificativa ética e moral está a idéia de perseguição. Recorrendo a um discurso vitimizador, os líderes iurdianos afirmam com extrema convicção que o crescimento e prosperidade da IURD incomoda muitas pessoas e grupos na sociedade brasileira, que a criticam e promovem denúncias consideradas infundáveis, numa situação permanente de oposição, principalmente da grande mídia e do Estado brasileiro, que, ainda de acordo com a IURD, continuam submissos à Igreja Católica.⁴⁰ Por isso torna-se necessário a entrada na política, para eleger candidatos compromissados com a igreja e sempre prontos para defendê-la.

Entretanto, esse discurso de “moralização” e “purificação” da política nem sempre se confirma. Alguns políticos iurdianos, aqueles que deveriam estabelecer uma nova ética na política brasileira, envolveram-se em escândalos de corrupção. O melhor exemplo é o caso do deputado federal Carlos Rodrigues, mais conhecido como Bispo Rodrigues (PL-RJ). Bispo Rodrigues foi um dos fundadores da Igreja Universal e durante muito tempo foi o seu coordenador político e principal líder da igreja no congresso, alcançando dentro da IURD grande poder e influência. Em 2005, se envolveu no “esquema do mensalão” de Marcos Valério, sendo acusado de receber R\$ 400 mil reais. Chegou a ser preso em maio de 2006, suspeito de envolvimento na “máfia das sanguessugas”, que vendiam ambulâncias superfaturadas a prefeituras.⁴¹ Em consequência de seus atos, foi afastado da IURD e completamente ignorado pelos

³⁹ FIGUEIREDO FILHO, Valdemar. *Entre o palanque e o púlpito: mídia, religião e política*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 89.

⁴⁰ Na edição Nº 741 da Folha Universal (de 18 a 24 de junho de 2006), a reportagem de capa falava sobre a injustiça que os grandes veículos de comunicação do país cometeram contra bispos da igreja acusados de crimes como lavagem de dinheiro e transações financeiras ilícitas. Além de contestar essas denúncias baseadas em “provas mentirosas”, a reportagem protestava que a grande mídia critica a IURD pelo fato dos jornalistas terem em sua formação básica os ensinamentos católicos do Opus Dei.

⁴¹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u497996.shtml>. Acesso em: 15/02/09.

principais meios de comunicação iurdianos, em especial a Folha Universal, onde outrora exercia papel de destaque e possuía uma coluna permanente sobre política.

Atualmente Marcelo Crivella tornou-se o mais influente político da IURD em âmbito nacional, mesmo que Edir Macedo seja ainda o líder máximo. Apesar de terem sido feitas denúncias de corrupção contra Crivella, e mesmo com as últimas derrotas nas urnas, ele mantém-se como personagem em ascensão.⁴² Em Uberlândia, um dos principais líderes políticos da IURD era até pouco tempo atrás o vereador Pastor Leandro.⁴³

A empreitada de membros da Igreja Universal rumo ao campo político-partidário recebe amplo destaque nas páginas da Folha Universal. Seus editores⁴⁴ tentam estimular a “consciência política cristã”, como podemos perceber no seguinte fragmento, publicado na Folha Universal em fevereiro de 2006:

Não devemos pensar que o posicionamento do cristão diante da política deve ser desinteressado ou displicente. Devemos estar atentos a todas as questões políticas do País, pois a Bíblia também fala sobre política. (...) Quem é de Deus tem consciência de que a política deve ser um instrumento para benefício de todos e não deve agir como alguns políticos, que são egoístas e pensam mais em si mesmos. (...) Aliado a uma efetiva consciência política, poderemos avançar e disputar um espaço de poder na hegemonia política atual.⁴⁵

Em outro fragmento, desta vez um leitor da Folha Universal e fiel iurdiano, os “homens e mulheres de Deus” são conclamados a lutarem por seus direitos:

(...) O povo de Deus tem que ficar atento nas próximas eleições, escolhendo os melhores candidatos. Se ficarmos indiferentes à política e não lutarmos pelos nossos direitos, os corruptos entrarão novamente (...). Sabemos das perseguições que a Igreja do Senhor Jesus enfrenta, por isso, temos que votar em homens e mulheres de Deus para deputado federal, estadual e governador. (...) Quando tomamos atitudes com sabedoria e votamos em candidatos ungidos com o Espírito Santo, com certeza, a história da política brasileira será outra.⁴⁶

⁴² Em 25/05/2005 a revista “Isto É” publicou uma reportagem de capa que acusava membros da IURD de desviarem o dinheiro do dízimo para paraísos fiscais, sendo o principal responsável, segundo a revista, o senador Marcelo Crivella. O título da reportagem era: “*As contas secretas da Igreja Universal: Documentos inéditos mostram como é desviado o dinheiro do dízimo e apontam o senador Marcelo Crivella (PL-RJ) como o operador de empresas offshore nas Ilhas Cayman*”. Em 2006, o Supremo Tribunal Federal (STF) mandou arquivar o inquérito por falta de provas suficientes contra os acusados.

⁴³ O vereador Pastor Leandro, do Partido Progressista (PP), pastor da IURD há 23 anos, foi eleito em 2002. É coordenador político da Universal em Uberlândia.

⁴⁴ Até meados de 2008, a coluna destinada a desenvolver as relações entre fé e política era dirigida por Vitor Paulo dos Santos, assinalado no jornal como jornalista e radialista, encarregado de produzir artigos na maioria das edições sobre este assunto. Estranhamente, no jornal ficava omitido que Vitor Paulo era o presidente do PRB (Partido Republicano Brasileiro), controlado pela Igreja Universal.

⁴⁵ Folha Universal, edição nº 724, de 19 a 25 de fevereiro de 2006, p. 1B.

⁴⁶ Folha Universal, edição nº 746, de 23 a 29 de julho de 2006, p. 3.

Às vésperas das eleições municipais de outubro de 2008, Edir Macedo lançou o livro “Plano de poder – Deus, os cristãos e a política”, cuja proposta principal consistia em promover reflexões sobre a importância do voto evangélico e a necessidade dos cristãos participarem “efetivamente” da vida pública brasileira. Recorrendo a passagens bíblicas, Macedo enaltece na obra a potencialidade numérica dos evangélicos enquanto eleitores que podem decidir qualquer pleito, indo de encontro ao suposto projeto de Deus, que desde a criação “*atua como um estadista para a formação de uma grande nação*”.⁴⁷ Para embasar sua argumentação, o dono da Igreja Universal faz alusões à situação enfrentada pelos hebreus quando, em função do desconhecimento do tamanho de sua própria força e pela ausência de organização política, foram subjugados durante cerca de 400 anos pelos faraós do Antigo Egito, de acordo com o narrado em Gênesis, no Antigo Testamento.



Capa da edição nº 860, que traz uma matéria especial sobre o livro de Edir Macedo “Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política”.

⁴⁷ Macedo, Edir. In: Folha Universal, Nº 860, de 28 de setembro a 4 de outubro de 2008, p. 9.

Segundo o bispo, nunca foi tão oportuno na história do evangelho no Brasil conclamar os evangélicos a discutir e participar dos assuntos públicos e da política nacional. Para Edir Macedo, essa “politização” dos cristãos não-católicos deve servir a distintos objetivos, como lutar pelo fim dos preconceitos e perseguições a que os fiéis evangélicos são submetidos no Brasil, apesar da liberdade de culto religioso garantida constitucionalmente. Para ele, os evangélicos deveriam seguir o exemplo de grupos e classes com representatividade numérica reduzida, que vêm organizando movimentos sociais há algumas décadas e conquistando espaços e direitos que os protegem no meio social. *“Tudo é uma questão de engajamento, consenso e mobilização dos evangélicos”*⁴⁸, destaca o bispo.

Defendendo-se de críticas proferidas por parte da imprensa brasileira⁴⁹, Macedo afirma que o livro não se propõe a incitar a constituição de um regime teocrático, reconhecendo o caráter laico do Estado brasileiro, mas sugere a similaridade das relações entre política partidária e religião em casos como o estadunidense, onde o voto evangélico seria tratado sem preconceitos e os candidatos à presidência devem proferir crenças religiosas. Como exemplo, a Folha Universal traz as eleições para a presidência dos Estados Unidos de 2008, quando os dois candidatos, Barack Obama e John McCain, se mostraram receptivos à fé cristã e valorizaram o peso do eleitorado evangélico do país. Esse seria um exemplo a ser seguido, de acordo com as lideranças iurdianas.

O “projeto de Deus” iurdiano de nação somente seria consolidado com a mobilização ampla e organizada dos evangélicos brasileiros, que passariam a disputar espaços cada vez maiores na sociedade até conquistarem efetivamente o poder político. Desse modo, para a Igreja Universal o ingresso na política partidária não é somente benéfico e necessário, mas também um dever dos cristãos (leia-se: iurdianos), pois são cidadãos como qualquer outro, estando integrados no espaço público e agindo dentro dele, o que os capacitam a lutar pelo poder político, no qual podem fazer valer os seus valores e interesses.

⁴⁸ Idem, p. 10.

⁴⁹ Veículos de informação, como o jornal “O Globo”, criticaram o livro de Edir Macedo pelo fato de seu lançamento coincidir com as eleições municipais de 2008, fazendo uso de uma leitura fundamentalista da Bíblia para beneficiar os candidatos a cargos políticos da Igreja Universal a partir do apelo ao voto evangélico.

CAPÍTULO 2

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E O PODER TRANSFORMADOR DO DÍZIMO

“Aos olhos da fé, não é admissível, e sequer tem sentido, crer em um Deus-Pai infinitamente rico e viver nos limites da miséria”.

Bispo Edir Macedo. Folha Universal nº 820, p. 2.

Torna-se imprescindível esclarecer que através das discussões acerca das problemáticas e possibilidades da “História Social”, da qual esta monografia tem a pretensão de ser inserida, percebemos que é indispensável superar os limites e as divisões compartimentadoras que a separação do social carrega. Como nos lembra Déa Fenelon, ao historiador cabe dar, cada vez que elege um objeto para estudo, uma explicação global dos fatos humanos acima de qualquer compartimentação⁵⁰, afinal, não é possível separar o aspecto religioso do econômico, do social e/ou do político, pois todos eles coexistem ao mesmo tempo na sociedade. A partir da não-separação entre as esferas de constituição do social é que se traduz a abordagem de novos temas, dentre eles a temática da religião.

Nesse sentido, a grande expansão neopentecostal pode ser explicada, em partes, devido à sua intrínseca sintonia com os valores materiais e individualistas que norteiam os preceitos da sociedade de consumo. Os neopentecostais caracterizam-se basicamente por enfatizar a denominada “Teologia da Prosperidade”, a qual defende que o cristão deve ser próspero, feliz e vitorioso em sua vida terrena, subvertendo o ascetismo outrora reinante no universo evangélico. Com a Teologia da Prosperidade, essas igrejas cristãs fazem uma releitura da Bíblia a seu modo e interesses, ensinando seus fiéis “a viverem e não a morrerem”, como fazem igrejas tradicionais extremamente dirigidas ao além, invertendo a promessa de salvação em um plano espiritual para o plano material. Em vez de rejeitar o mundo, esses novos desbravadores da fé passam a afirmá-lo com

⁵⁰ FENELON, Déa R. *Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação*. In: Projeto História. São Paulo: Educ -Editora da PUC/SP, 1984, p. 22.

veemência, pois nele é possível obter as bênçãos divinas praticando uma ardorosa fé e seguindo os mandamentos bíblicos pregados pelos homens de Deus componentes destas igrejas. Essa proposta de resolução dos problemas cotidianos dos fiéis contida na Teologia da Prosperidade rompe com aquela escatologia milenar baseada na espera do retorno de Jesus Cristo para salvar “novamente” a humanidade e que pregava a auto-exclusão da vida social e a assimilação de uma conduta ascética pelos fiéis.

Para atingir essa prosperidade, os fiéis devem praticar uma fé ardorosa, pragmática e “inteligente”, como os pastores a todo instante afirmam. O processo de enfrentamento e superação de situações adversas pelos fiéis iurdianos está diretamente relacionado com a noção de batalha espiritual. Essa batalha deve ser travada constantemente contra as forças que impedem o progresso material e espiritual do fiel, representadas basicamente pelas obras oriundas do “Diabo”; “amarrações” promovidas por pessoas mergulhadas na inveja e traições, cuja meta resume-se a “travar” a vida do fiel; e o modo de pensar e enxergar o mundo que muitos ainda carregam, apesar de procurarem a igreja. Para ser bem-sucedido nessa empreitada, é necessário que o fiel exercite atitudes como a revolta e a perseverança.

A revolta diante da situação enfrentada é imprescindível para a pessoa sair da “inércia” para a ação efetiva, vislumbrando na prática da fé o caminho para a fuga das adversidades. O estado de revolta relaciona-se ao plano individual e não ao coletivo, isto é, cada um deve buscar da melhor forma, dentro dos propósitos de fé, superar suas próprias dificuldades, sem contar com a solidariedade coletiva ou revoltar-se em primeira instância com o problema alheio. Isso não significa afirmar que a lógica do “cada um por si” prevaleça entre os fiéis iurdianos, mesmo porque o sentimento de pertencimento a um espaço comum e o compartilhamento de crenças, valores, trajetórias de vida e experiências sociais entre os distintos sujeitos que freqüentam a igreja está presente e não podem ser negados. Porém, a retórica iurdiana confere grande peso à individualidade, transferindo a iniciativa e a responsabilidade para cada fiel no tocante à concretização de seus propósitos. Mas sem perseverança, essa atitude de revolta frente às dificuldades não será eficaz. Mesmo que o fiel não consiga de imediato concretizar seus anseios no âmbito da igreja, as lideranças iurdianas aconselham que ele deve persistir e não interromper sua batalha até que o resultado não seja outro senão a conquista daquilo que está sendo proposto e negociado com Deus.

Contudo, a revolta e a perseverança só serão eficazes se acompanhadas pela realização freqüente de ofertas e pela entrega do dízimo.⁵¹ Como o fiel deve se dedicar ao máximo para satisfazer suas aspirações, ele tem que entregar a Deus o seu melhor, pois Ele retribuirá proporcionalmente àquilo que o fiel ofertar. E ofertar aqui pressupõe tanto o lado financeiro como interiorizar determinados tipos de conduta e valores defendidos pela igreja. Quanto maior o sacrifício e a dedicação, mais rapidamente Deus atenderá ao pedido, por isso as ofertas nas campanhas da igreja e a entrega do dízimo são fundamentais para a vitória.

Como forma eficaz de comprovar que o dízimo traz ótimos resultados aos fiéis, nas páginas da Folha Universal são mostrados diversos testemunhos de pessoas que tiveram suas vidas mudadas após se comprometerem com as ofertas à Deus e seus propósitos de fé. Esses testemunhos geralmente eram mostrados na coluna “Aconteceu na Universal”, cujo subtítulo “Ó Deus, não esqueça que eu sou dizimista fiel” explicitava o assunto central abordado. Com a reformulação gráfica do jornal estabelecida no começo de 2008, essa coluna mudou seu nome para “Superação: aconteceu comigo”, mas o sentido permaneceu o mesmo da anterior. Essas narrativas seguem um modelo verificado em praticamente todas as edições da Folha Universal: são sempre divididas entre o antes e o depois do ingresso do fiel na igreja, sendo o “antes” marcado por uma vida de misérias e sofrimento, e o “depois” marcado por uma vida próspera, feliz e estável. E é nesta parte que a Teologia da Prosperidade vem à tona com todo o seu ar de infalibilidade.

Em um destes testemunhos, intitulado “Empregado vira patrão”, o empresário Juliano de Jesus Fernandes, 32 anos, residente em Belo Horizonte, narra que antes de conhecer a Igreja Universal tinha uma vida financeira conturbada, chegando a ficar desempregado, devendo aluguel e R\$ 40 mil, o que forçou ele e sua família a morarem na casa de seu sogro por cerca de dois anos para tentar equilibrar a dura situação. Quando tudo parecia perdido, tomou conhecimento da Universal através de programas de televisão, o que lhe conferiu uma nova visão de mundo e novas perspectivas de vida, a partir do momento em que aceitou os propósitos de fé divulgados pela igreja. Sobre esta reviravolta em sua vida, Juliano narra o seguinte:

⁵¹ A argumentação utilizada pela Igreja Universal para defender a prática do dízimo fundamenta-se na afirmativa de que o fiel não cede dinheiro na forma de dízimo para a igreja. O que acontece é que ele apenas “devolve” à Deus esse mesmo dízimo.

Não consegui atingir os meus objetivos porque não tinha a direção de Deus. No entanto, ao chegar à Igreja Universal do Reino de Deus, depois de assistir à programação evangelística na TV, obedecer aos ensinamentos bíblicos ministrados pelo homem de Deus, colocar em prática a minha fé e me tornar um dizimista fiel, houve uma transformação na minha vida.⁵²

Essa linguagem direta e pragmática contida no jornal, típica dos testemunhos de fiéis que venceram na vida, também é carregada de forte sensacionalismo. A vitória não deve ser meramente relatada, ela deve antes de mais nada ser espetacularizada e traduzida em aquisições materiais de proporções faraônicas, uma reviravolta que deve explicitar a superação definitiva daquela situação deplorável em que a pessoa se encontrava antes de conhecer “Deus” através da fé trabalhada na Igreja Universal. Os testemunhos devem ser construídos – e editados – de modo a não apresentar falhas, a fim de demonstrar a eficácia surpreendente da fé iurdiana.

Mudança de ex-mendigos e moradores de rua para a condição de empresários, pessoas que quitaram dívidas de milhões de reais e hoje prosperam, curas milagrosas de doenças incuráveis, pessoas que não tinham nada e atualmente possuem imóveis de luxo localizados em bairros nobres nos grandes centros urbanos, empresários expandindo cada vez mais seus negócios; enfim, são tipos de situações que frequentemente aparecem com muita ênfase nas páginas da Folha Universal e que têm como denominador comum o uso da “fé inteligente”, isto é, sujeitos que vêem como fator determinante para as transformações radicais de suas vidas o fato de ofertarem constantemente e serem dizimistas fiéis. Em outros termos, podemos interpretar que a condição de dizimista carrega em si a chave mágica das portas da sociedade de consumo, abrindo a possibilidade de realização do “paraíso no mundo terreno” a partir da obtenção de prosperidade espiritual e, principalmente, material, banindo vigorosamente a pauperização que marcava a vida de antes.

No testemunho da fiel Francisca Cândida, publicado na edição nº 800 da Folha Universal, é narrada a sua trajetória de vida que vai da miséria à riqueza. Com a chamada “Moravam com os ratos e hoje vivem num condomínio luxuoso”, o testemunho de Francisca, de 47 anos, destaca o constante sofrimento que sua família conviveu durante vários anos, morando em uma casa sem banheiro, portas e janelas, e infestada de ratos, baratas e pulgas. Ela e o marido não podiam comprar roupas nem calçados para os quatro filhos, uma situação que foi agravada quando ele ficou

⁵² Folha Universal, edição nº 821, de 30 de dezembro de 2007 a 5 de janeiro de 2008, pág. 9.

desempregado. Além da busca pela independência financeira, Francisca batalhava pela cura de seu filho Reinaldo, que sofria bronquite desde os 15 anos de idade, e conta que o sonho de seu marido era de que o filho se tornasse um jogador de futebol. Muito humilhada, Francisca relata que entrou na Igreja Universal há cerca de 20 anos, quando soube, através da Rádio Copacabana, que um templo da igreja seria inaugurado em Itaguaí, município fluminense onde residia. A partir deste momento, e acreditando que na IURD surgiria uma oportunidade para contornar todas as dificuldades enfrentadas, Francisca começou a participar das campanhas da Fogueira Santa de Israel e perseverar em seus propósitos de fé. De acordo com o editado no jornal, Francisca narra que

Os ratos dormiam conosco dentro de casa. Mas, na Igreja, aprendi a perseverar na fé em nome do Senhor Jesus. Logo na primeira oportunidade, participei da Fogueira Santa e fiz meu propósito. Desde então nunca mais deixei de participar. Entendi que dessa maneira eu teria tudo o que, durante tantos anos, eu não tinha encontrado em lugar nenhum nem com ninguém. (...) Fiz meu propósito com Deus porque acreditava realmente em Seu poder para curar e transformar a minha vida. Apesar de não ter nenhuma herança de família, estava na fé de que um dia iríamos ficar ricos. Não sabia como, mas tinha muita fé.⁵³

Na narrativa construída por Francisca e recortada pelos editores do jornal, a transformação gradativa de sua vida, cujo eixo remete à entrada na igreja, recebe amplo destaque. As inúmeras ofertas feitas surtiram em sucessivas vitórias, conquistando a cura do filho Reinaldo, que logo depois se tornou um jogador de futebol, atuando em clubes renomados do Brasil, como Flamengo, São Paulo e Santos, e também em times do exterior. Com a carreira bem-sucedida do filho, aquela vida miserável em que a família vivia foi alterada drasticamente:

Com o sucesso de nosso filho, conseguimos terminar de construir a casa de Itaguaí, com dez cômodos, que é considerada a melhor da rua. Construimos mais uma no mesmo município e adquirimos outras no Recreio dos Bandeirantes e na Barra da Tijuca, num condomínio de luxo, um dos melhores da região, onde mora muitas pessoas famosas. Esta casa tem oito banheiros e 25 cômodos. Tenho motorista, empregada e já viajei seis vezes para Paris.⁵⁴

Ainda nessa linha, a coluna “Casos Incríveis” de outra edição do jornal apresenta o testemunho impressionante da fiel Maria da Conceição Figueira Alves, de 47 anos, que vivia em lixões à procura de comida e atualmente é uma empresária saudável dona

⁵³ Folha Universal, nº 800, de 5 a 11 de agosto de 2007, p. 8.

⁵⁴ Ibidem.

de uma escola. Maria da Conceição narra que era proveniente de família pobre e que, por causa de uma crise financeira que atingiu sua família quando era jovem, ela e os irmãos tiveram que sair de casa cedo para levar sustento ao lar. Com a situação piorando cada vez mais, ela buscou refúgio no lixão, onde catava papelão, cobre e alumínio para vender, além de procurar comida. Em um dos momentos mais delicados, quando teve seu filho, foi obrigada a se prostituir para sustentá-lo. Segundo Maria da Conceição,

Comi galinhas, frutas e usei roupas do lixo. Na verdade eu competia com os urubus, porque ficava literalmente com a cabeça enfiada no lixo. (...) Uma vez vizinhos tiveram que amparar o meu filho, dando um prato de comida, porque ele se contorcia de tanta fome...⁵⁵

O quadro agravou-se quando ela contraiu doenças venéreas, como a sífilis. Nessa condição dramática, a mudança de vida começou quando ouviu um convite de um pastor da Igreja Universal através de um programa de rádio. Passando a freqüentar os cultos, seguir as orientações do pastor e empreender ofertas, Maria da Conceição narra que foi finalmente curada das doenças contraídas e atingiu a tranquilidade espiritual e material:

Não tinha mais perspectiva de vida, cheguei a tentar o suicídio duas vezes, mas aceitei o convite e comecei a participar das correntes de libertação, seguindo à risca tudo o que os homens de Deus me orientavam a fazer. Hoje sou dona de escola, foi um presente de Deus para mim. Reconheço que o que habitava em mim era um espírito de miséria, mas não olhei para as dificuldades e segui buscando minha felicidade.⁵⁶

Já o empresário Luiz Ricardo Carvalho, 39 anos, morador de Mendes, Rio de Janeiro, declara que compreendeu que o dízimo é a essência para superar as adversidades do cotidiano e que, por isso, hoje é um vencedor. Sofrendo com problemas de depressão profunda que abalava sua vida financeira, deixando-a completamente instável, o empresário conheceu a IURD por meio da programação da madrugada na televisão, quando não conseguia dormir em função da insônia adquirida. Chegando à Igreja Universal, Luiz Ricardo seguiu as orientações do pastor e começou a fazer correntes nas segundas-feiras, referente à prosperidade. No entanto, as ofertas realizadas não eram suficientes para a consumação de seus propósitos. Era preciso mais, e esse acréscimo foi finalmente encontrado no dízimo:

⁵⁵ Folha Universal, nº 733, de 23 a 29 de abril de 2006, p. 8.

⁵⁶ Ibidem.

Eu até dava ofertas, mas era totalmente contra os dízimos, mas através dos ensinamentos, Deus foi me transformando e compreendi que o dízimo é a essência da verdadeira prosperidade e da estabilidade financeira. (...) Hoje tenho paz, saúde, um supermercado próspero, em expansão. Não moro mais de aluguel, tenho três casas, um apartamento e três carros. Tudo isso só foi realmente possível quando passei a ser fiel nos dízimos.⁵⁷

Sem querer estender muito para não cair em uma repetição excessiva, vejamos mais um testemunho, intitulado “Quitou dívidas após se tornar dizimista”, na edição nº 778 da Folha Universal. Nele, a empresária Emília Ronco narra como “inexplicavelmente” se viu mergulhada em dívidas quando sua “conceituada clínica de estética” situada nos jardins, bairro nobre de São Paulo, começou a naufragar. Depois de muito “sofrimento” ela conheceu a Igreja Universal através de testemunhos que assistia na TV. Logo após converter-se e tornar-se dizimista, saldou suas dívidas, recuperou os bens e a credibilidade. Eis um trecho:

Quando me dei conta do tamanho da minha dívida – cerca de R\$ 80 mil -, me senti arrasada, sem chão. Para honrar os compromissos com fornecedores e funcionários, fiz empréstimos, usei cartões de crédito, vendi a clínica, o automóvel e só não perdi a casa onde morava porque busquei, a tempo, a ajuda de Deus. (...) A minha vida mudou completamente quando me tornei dizimista. Compreendi que é o dízimo que faz com que as janelas dos céus se abram em nossa vida, assim como as bênçãos financeiras, mas principalmente a saúde, a paz e a alegria cheguem até nós. (...) Hoje, não só estou livre das dívidas, como comprei um carro importado, montei uma nova clínica de estética, no Brooklin (também bairro nobre de SP) e tenho a minha casa própria, que é ampla e confortável.⁵⁸

Podemos notar que as narrativas acima apresentam muitos itens em comum, como a divisão entre dois momentos da vida (o sofrimento e a prosperidade), a realização de ofertas, a importância do dízimo e o contato inicial destes fiéis com a IURD impulsionado por programas de rádio e televisão da igreja. Vale ressaltar que o modo pragmático como as lideranças da Igreja Universal dialogam com múltiplos sujeitos sociais, tanto em seu aparato midiático como na própria igreja, abordando problemas diversos e oferecendo soluções de forma direta e simples, sem ficar presos a discussões teológicas e filosóficas mais complexas, fazem com que a relação entre estes

⁵⁷ Folha Universal, nº 773, de 28 de janeiro a 3 de fevereiro de 2007, p. 9.

⁵⁸ Folha Universal, edição nº 778, de 4 a 10 de março de 2007, p. 9.

sujeitos e a Igreja Universal seja cada vez mais estreita. Essa é uma marca registrada da IURD desde a sua fundação, quando Edir Macedo e as demais lideranças a ele subordinadas procuravam atrair para os cultos um público que admitia uma adesão religiosa por resultados.

Quando trabalhamos com esse tipo de narrativas, escritas ou orais, não podemos perder de vista a subjetividade do entrevistado, enfatizando a questão do tempo em seu processo de construção. Analisando as funções do tempo na História Oral, Alessandro Portelli considera o tempo como fator condicionador nos relatos baseados nas memórias das pessoas, já que esses relatos “acompanham o tempo, crescem com o tempo e se decompõem com o tempo”.⁵⁹ Em outras palavras, as histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador, pois uma história de vida é algo vivo e dinâmico:

As versões das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam. (...) Assim, as histórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa). Nenhuma história será contada duas vezes de forma idêntica. Cada história que ouvimos é única.⁶⁰

Outros fatores interferem na produção e desenrolar da narrativa, como o momento da vida em que a pessoa fala, as suas condições de saúde, a própria presença do entrevistador que condiciona os rumos da entrevista e o caráter seletivo e limitado da memória, o que Portelli assinala quando afirma que há um limite em relação à quantidade de material que pode ser “guardada” na memória de um indivíduo ou de um grupo, e cada vez que são acrescentadas novas informações, parte das antigas parecem ser descartadas por um processo ininterrupto de seleção.⁶¹

No caso das narrativas contidas no jornal Folha Universal, vale ressaltar que elas não podem ser interpretadas sem algumas problematizações no tocante às suas limitações, já que todas elas passam por um rigoroso processo de editoração que seleciona e publica somente aquilo que vai de encontro com os interesses da alta cúpula da Igreja Universal. Em outras palavras, são depoimentos já direcionados para (re)afirmar os benefícios que a IURD e sua Teologia da Prosperidade possuem, com a

⁵⁹ PORTELLI, Alessandro. *O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral*. In: FENELON, op. cit., 2005, p. 298.

⁶⁰ Ibidem, p. 298.

⁶¹ Ibidem, p. 299.

finalidade máxima de demonstrar para um número cada vez maior de pessoas, de composições sociais, raciais e religiosas diferenciadas, que é possível sim receber as glórias de Deus neste mundo, sem a necessidade de esperar por uma vida pós-terrena para usufruir dos frutos divinos. Neste caso, a memória seletiva é primeiramente estabelecida pelo narrador e posteriormente pelos editores do jornal.

Apesar deste processo de recorte e editoração, não podemos perder de vista que as narrativas destacadas trazem significados das vivências dos depoentes. Os enredos tecidos por estes sujeitos nos levam às suas interpretações sobre o vivido, enredos nos quais “*o individual e o social se mesclam na tessitura das derrotas e vitórias, dos desejos e das frustrações*”⁶², nos possibilitando empreender melhor a localização dos diversos sujeitos sociais em meio ao espaço urbano, e como se efetuam as múltiplas estratégias, resistências e conflitos destes sujeitos, visando à defesa e afirmação de seus modos de vida, juntamente com suas práticas sociais, religiosas, políticas e culturais, demonstrando o papel da memória para a constituição das identidades e vivências das pessoas.

Acompanhando o jornal e os programas de TV da Igreja Universal, é fácil notar nos depoimentos de fiéis que alcançaram o sucesso que muitos deles são empresários. Isso tem uma explicação razoável quando verificamos que a IURD, assim como a Internacional da Graça de Deus e a Renascer em Cristo, só pra citar as mais renomadas, direciona o seu discurso simultaneamente para distintas classes sociais. Por isso, devemos desconstruir a mística que associa o público que frequenta as igrejas neopentecostais como composto unicamente por pobres, ignorando aí a volumosa inserção das classes médias e ricas nesse espaço. Logicamente, a maior parte dos fiéis é de origem humilde ou, no mínimo, enfrenta duras condições de vida em seu cotidiano. Como dito, são trabalhadores que pretendem suprir suas necessidades básicas e ordenar suas vidas, conferindo sentidos e significados especiais às suas experiências e trajetórias de vida, permeando suas vivências para além dos campos do trabalho e da religião. Mas também há aqueles que são (ou eram) portadores de um padrão de vida privilegiado, que enfrentam problemas semelhantes, guardadas as devidas proporções, aos seus “pares” da igreja, tentando por meio da fé uma resolução para suas dificuldades de ordem financeira, espiritual e familiar ou para curar uma doença crônica que ameaça a própria existência do fiel.

⁶² CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Memórias de um trauma: o massacre da GEB (Brasília – 1959)*. In: FENELON, 2005, op. cit., p. 175.

aconteceu
COMIGOTODA SEMANA VOCÊ VAI ACOMPANHAR,
AQUI, HISTÓRIAS EMOCIONANTES E DRAMÁTICAS
DE QUEM ENFRENTOU E VENCEU DESAFIOSPagou dívida
de 2 milhões

Como empresária aprendeu a superar adversidades e realizar bons negócios

Por Tarciso Barreiros
redacao@folhauniversal.com.br

Aperfeiçoamento profissional, investimento em novos empreendimentos e sobriedade decorrente das ações de membros da Igreja Universal, que têm garantido a superação de adversidades no campo do

negócio e realização de bons negócios. Um desses exemplos é o da empresária Selcia Maria da Silva, de 57 anos, que pagou R\$ 2 milhões em dívidas e conseguiu estabilizar uma indústria.

Selcia saiu de São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul, com destino à cidade de Barreiras, na região oeste da Bahia, com o objetivo de mudar de vida. Com um espírito empreendedor, ela montou uma metalúrgica, porém as

dificuldades quase a fizeram desistir.

"Foram tantos os momentos difíceis, cheguei a pensar que a solução era abdicar do meu sonho, mas não queria voltar para casa derrotada", lembra a empresária.

Os negócios na fábrica não estavam atingindo as expectativas e, com o fechamento do sócio de Selcia, a situação se agravou, pois ela teve que atuar em áreas que antes eram da competência dele, como visto a clientes.

Com a possibilidade de a fábrica fechar por causa de dívidas que somavam R\$ 2 milhões, a fé em Deus foi fundamental para que houvesse a mudança necessária. A partir daí, a empresária teve a ideia e ficou motivada a comercializar para construtoras.

"Eu conheci o trabalho da Igreja Universal, que me fez entender o quanto Deus é poderoso e que De responde aqueles que são fiéis e que fazem o possível sacrificando. A situação na empresa foi se modificando quando fui a Figueira Santa (Campanha realizada pela IURD). Paguei as dívidas, recuperei o ânimo para desmontar tudo processo de gestão da metalúrgica e trabalho visto o quanto é importante fundamentar a nossa vida no Senhor Jesus", finalizou a empresária, que possui atualmente casa e tem feito a diferença na cidade de Barreiras, distante 853 km de Salvador.

"Eu conheci o trabalho da Igreja Universal, que me fez entender o quanto Deus é poderoso e que De responde aqueles que são fiéis e que fazem o possível sacrificando. A situação na empresa foi se modificando quando fui a Figueira Santa (Campanha realizada pela IURD). Paguei as dívidas, recuperei o ânimo para desmontar tudo processo de gestão da metalúrgica e trabalho visto o quanto é importante fundamentar a nossa vida no Senhor Jesus", finalizou a empresária, que possui atualmente casa e tem feito a diferença na cidade de Barreiras, distante 853 km de Salvador.

Os negócios na fábrica não estavam atingindo as expectativas e, com o fechamento do sócio de Selcia, a situação se agravou, pois ela teve que atuar em áreas que antes eram da competência dele, como visto a clientes.

Com a possibilidade de a fábrica fechar por causa de dívidas que somavam R\$ 2 milhões, a fé em Deus foi fundamental para que houvesse a mudança necessária. A partir daí, a empresária teve a ideia e ficou motivada a comercializar para construtoras.

"Eu conheci o trabalho da Igreja Universal, que me fez entender o quanto Deus é poderoso e que De responde aqueles que são fiéis e que fazem o possível sacrificando. A situação na empresa foi se modificando quando fui a Figueira Santa (Campanha realizada pela IURD). Paguei as dívidas, recuperei o ânimo para desmontar tudo processo de gestão da metalúrgica e trabalho visto o quanto é importante fundamentar a nossa vida no Senhor Jesus", finalizou a empresária, que possui atualmente casa e tem feito a diferença na cidade de Barreiras, distante 853 km de Salvador.

"Eu conheci o trabalho da Igreja Universal, que me fez entender o quanto Deus é poderoso e que De responde aqueles que são fiéis e que fazem o possível sacrificando. A situação na empresa foi se modificando quando fui a Figueira Santa (Campanha realizada pela IURD). Paguei as dívidas, recuperei o ânimo para desmontar tudo processo de gestão da metalúrgica e trabalho visto o quanto é importante fundamentar a nossa vida no Senhor Jesus", finalizou a empresária, que possui atualmente casa e tem feito a diferença na cidade de Barreiras, distante 853 km de Salvador.

"Eu conheci o trabalho da Igreja Universal, que me fez entender o quanto Deus é poderoso e que De responde aqueles que são fiéis e que fazem o possível sacrificando. A situação na empresa foi se modificando quando fui a Figueira Santa (Campanha realizada pela IURD). Paguei as dívidas, recuperei o ânimo para desmontar tudo processo de gestão da metalúrgica e trabalho visto o quanto é importante fundamentar a nossa vida no Senhor Jesus", finalizou a empresária, que possui atualmente casa e tem feito a diferença na cidade de Barreiras, distante 853 km de Salvador.

DETERMINAÇÃO: Selcia teve a vida transformada ao participar da Figueira Santa de Israel.

ARCA CENTER P-A-R-C-E-L-A-D-O!

Confira as ofertas imperdíveis das seções:

Bíblia	Auto-ajuda
Mulher	Vida Cristã
Infância	E muito mais
CDs e DVDs	

Todo o site em até **6x sem juros.**

www.ARCA-CENTER.COM.BR (08) 2451-0060

Produtos do seu jeito.

Folha Universal, nº 857, de 7 a 13 de setembro de 2008, p. 2i.

A presença destes grupos econômica e socialmente ascendentes no âmbito da IURD não pode ser explicada como resultado de um mero processo de indução empreendido pela cúpula iurdiana. Esse público heterogêneo característico da Igreja Universal possui logicamente demandas plurais, que com o tempo exigiram das lideranças da IURD alterações em suas proposições. "Diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural"⁶³, a Teologia da Prosperidade vinha de

⁶³ MARIANO, 2005, op. cit., p. 148.

encontro, num sentido aglutinador, destes anseios distintos dos sujeitos que compõe a igreja, atendendo a busca pela resolução de problemas financeiros e de saúde, assim como a satisfação de desejos de consumo de fiéis à margem do quadro social, ao mesmo tempo em que a demanda específica de outra parcela de fiéis, ansiosos por legitimar seu modo de vida, sua riqueza e *status*, seria efetivada. Além desses fatores, esse discurso responderia perfeitamente à continuidade da estratégia de *marketing* da IURD para aumentar o corpo de fiéis dizimistas, que ajudaria no financiamento de novos programas e projetos evangelísticos, especialmente a partir de aquisições de emissoras de rádio e TV, cuja premissa é inerente à lógica do quanto mais alto a exposição midiática, maior o crescimento da denominação.

Em uma igreja estrutura nos moldes de um grande empreendimento econômico, os pastores são investidos de um papel chave para a continuidade desta dinâmica. Para tornar cada vez maior o número de fiéis e multiplicar a arrecadação financeira com as ofertas, a formação teológica aprofundada não é requerida para os pastores, mas sim um *know-how* requintado com uma excelente retórica, marcada pela simplicidade, fluidez, clareza e motivação, além de ser dotada de forte poder de persuasão.

Para comprovar a Teologia da Prosperidade propagada pela Igreja Universal, os próprios pastores, não raros os casos, assumem um estilo de vida similar à de uma classe média alta, ou seja, são proprietários de imóveis e automóveis sofisticados, e seguem um padrão de vida material até certo ponto ostensivo. A equação é simples e direta: se o pastor afirma a todo instante nos cultos que o caminho da prosperidade material e espiritual passa necessariamente pela entrega a Deus, destinando a Ele ofertas para a concretização dos propósitos, tornando-se nesse processo um dizimista fiel, o próprio pastor tem a necessidade de apresentar um nível de vida material compatível com a sua condição de homem ungido por Deus, abençoado por adquirir meios que o capacite a desfrutar das benesses do consumo neste mundo. Porém, nem todos os pastores conquistam esse *status* de riqueza, que está reservado fundamentalmente às lideranças dos maiores templos, ou como quiser, dos maiores empreendimentos.

A ênfase no dízimo praticada nos cultos da Igreja Universal fez com que muitos estudiosos e críticos do *modus operandi* iurdiano associassem a igreja pejorativamente com o slogan “templo é dinheiro”. A questão financeira recebe tanto destaque na IURD que até mesmo têm-se cultos específicos voltados para aquelas pessoas que buscam a prosperidade material, além, é claro, de o assunto percorrer a todo instante o espaço iurdiano. Para as pessoas que possuem a vida financeira “amarrada”, “travada”, ou

tiveram seus negócios frustrados, elas podem buscar uma saída através do congresso empresarial, realizado nas segundas-feiras na igreja.⁶⁴

Não quero aqui defender a tese de que a prática religiosa estabelecida tanto pelos líderes iurdianos quanto pelos diversos sujeitos que freqüentam a Igreja Universal resume-se única e exclusivamente ao aspecto econômico. Se fosse assim, como explicar, por exemplo, que incontáveis pessoas buscam nesta mesma igreja uma solução para seus problemas de saúde, de ordem familiar ou demais dificuldades? O que quero mostrar é que a “materialização da fé” em torno do dízimo e dos variados empreendimentos financeiros da IURD norteia parte significativa dessa prática religiosa propagada por sua alta cúpula, especialmente em seus meios de comunicação, como a Folha Universal, buscando redimensionar e legitimar esses “novos” usos de uma fé cristã em uma sociedade marcadamente consumista e individualista.

Desse modo, com o advento do neopentecostalismo e sua teologia da prosperidade, verificamos que ocorreu a reapropriação e ressignificação da doutrina cristã, visando se ajustar à época atual. O forte caráter subjetivo e interpretativo da Bíblia, somado à sua condição de texto sagrado e inviolável encarado pela grande maioria dos cristãos, constituem-se em fatores impulsionadores para leituras plurais que variam de acordo com os usos e finalidades de grupos interessados na legitimação de seus modos de ver e pensar o social no presente. No caso da “Teologia da Prosperidade”, ela não poderia ser concebida e eficaz sem um alicerce bem articulado com preceitos da fé cristã. Em uma edição da Folha Universal, o bispo Edir Macedo faz uma defesa desse discurso da prosperidade com base em pressupostos bíblicos, estabelecendo uma oposição entre a “Teologia da Pobreza”, que prega que *“o caminho para Deus exige abnegação e desapego às riquezas materiais”*⁶⁵ e que é defendida pela Igreja Católica; e a “Teologia da Prosperidade”, que vê na riqueza e aquisição de bens materiais o sinal da graça divina, espelhando a “verdadeira” vontade de Deus. Macedo argumenta que na própria Bíblia, representante direta da “palavra de Deus”, encontra-se a defesa da prosperidade material que o fiel pode possuir:

⁶⁴ Os cultos na Igreja Universal são organizados em função das correntes de milagres segundo os dias da semana: na segunda-feira, a prosperidade; na terça-feira, o descarrego; na quarta-feira, o estudo bíblico; na quinta, a sagrada família e a terapia do amor; na sexta, a libertação, no sábado, a vida regalada; e finalmente no domingo, o Espírito Santo.

⁶⁵ MACEDO, Edir. *A Teologia da Prosperidade*. In: Folha Universal, edição nº 780, de 18 a 24 de março de 2007, p. 2.

Conforme a “Teologia da Pobreza”, ter ou desejar gastar dinheiro não é uma ambição bem-vinda; é uma espécie de pecado. Mas a Palavra de Deus diz: *“O senhor te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo e para abençoar toda obra das tuas mãos; emprestarás a muitas gentes, porém tu não tomarás emprestado”* (Deuteronômio 28.12). Nosso senhor pregava a doutrina da vida com abundância. Portanto, quem é do lado de Deus prega a doutrina da prosperidade (...).⁶⁶

Para exemplificar ainda mais esse quadro, vejamos um trecho de uma reportagem publicada na edição nº 788 da folha Universal, intitulada “Fidelidade: caminho da vitória”. Nele, o bispo Romualdo Panceiro, um dos mais influentes da IURD, “explica” porque muitas pessoas que “trabalham arduamente” não conseguem, mesmo assim, alcançar melhores condições de vida. Segundo o bispo,

... muitos, além de trabalharem e não verem o fruto do seu empenho diário, perdem a saúde, a paz e o que têm. (...) Essa é a realidade de várias pessoas. Esforçam-se demais e obtêm somente resultados negativos. Sabe por quê? Porque existe um espírito chamado devorador; ele não apenas atua na área financeira, mas em todas as outras (...).⁶⁷

Logo após essa explicação o bispo ressalta que há um meio de repreender esse “espírito devorador”, e toma como base o exemplo de Jacó (descrito em Gênesis 31), que apesar de ter trabalhado durante 20 anos sem ver os resultados, “encontrou um meio que o fez prosperar e ser muito feliz”:

Jacó fez um pacto com Deus. Ele fez um voto, segundo o qual, de tudo o que viesse às suas mãos, daria o dízimo. Por isso, Deus o abençoou de forma extraordinária. Você tem que fazer o mesmo. Honestamente, você pode até conquistar algo. Porém, para prosperar em todas as áreas, é preciso voltar-se para Deus; tornar-se um dizimista fiel, a fim de que o devorador seja repreendido e, de maneira alguma, tenha acesso à sua vida (...).⁶⁸

Ainda de acordo com o discurso da cúpula iurdiana, o fiel pode ser um “dizimista fiel”, mas se ele ficar restrito apenas a esse aspecto ele não solucionará seus problemas cotidianos. A esse respeito, Edir Macedo ressalta:

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Folha Universal, edição nº 788, de 13 a 19 de maio de 2007, pág. 20.

⁶⁸ Ibidem.

As pessoas podem enganar umas às outras, mas não podem enganar a Deus. (...) Muitos estão na Igreja há anos sem que tenha havido qualquer mudança em suas vidas; são fracassados, figueiras sem frutos. Enquanto isso, há outros recém-chegados que conquistam tudo o que buscam. Isso acontece porque a oferta desses últimos tem sido aceita por Deus.⁶⁹

A meu ver, essa retórica busca ressaltar a culpa única e exclusiva do fiel no que se refere às suas condições de vida. Se ele é próspero do ponto de vista financeiro, é porque ele buscou integralmente a Deus. Se ele vive na miséria é por causa de suas (depreciáveis) atitudes, somente por isso, nada mais. É uma variação do discurso liberal, que direciona todas as responsabilidades ao plano individual e não social, buscando justificar os motivos de muitos fiéis não conseguirem bons frutos em suas vidas mesmo ofertando adequadamente, transferindo o sentimento de culpa dos pastores em direção a cada fiel. Desse ponto de vista, a prosperidade somente está aberta àqueles que seguem os propósitos de fé e estão em total sintonia com as normas da igreja, a qual se diz a legítima representante das vontades do “Senhor Jesus Cristo” e propagadora dos melhores valores cristãos.

A importância do dízimo e das ofertas é a todo o momento ressaltada nas narrativas de fiéis nas páginas da Folha Universal. Mas isso realmente se confirma entre os fiéis com os quais tive a oportunidade de pessoalmente conversar e entrevistar? Qual a percepção que fazem sobre essa questão? Para começar, essas já são perguntas que não tem uma resposta única e satisfatória justamente pelo modo como aí são concebidos os sujeitos que freqüentam a igreja. Apesar de apresentar vários pontos em comum, é oportuno frisar que não queremos a partir da análise de algumas narrativas constituir regras gerais para estas, pois cada narrativa é singular. A história oral e as memórias das narrativas contidas no jornal nos oferecem um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.⁷⁰ Isso faz com essas particularidades inerentes aos modos de pensar, crenças, valores, trajetórias de vida e às experiências do viver a cidade que estes múltiplos sujeitos carregam e vivenciam cotidianamente, resultem na impossibilidade de tentarmos estabelecer generalizações vagas e imprecisas que não dão conta de uma dinâmica social baseada na diversidade. Além do mais, uma abordagem homogeneizadora tende a anular a potencialidade de agir e pensar socialmente que os

⁶⁹ Folha Universal, nº 843, de 1 a 7 de junho de 2008, pág. 3i.

⁷⁰ PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo: Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Vol. 1-nº 2, dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 72.

sujeitos possuem, transformando estes em meros números desprovidos de qualquer senso crítico e reflexivo.

De acordo com minhas impressões na pesquisa, pode ser pertinente mencionar aqui rapidamente o próprio comportamento de vários sujeitos que freqüentaram os cultos da Igreja Universal nos quais estive presente. Desenvolvendo-se de forma rotineira, os cultos geralmente mesclavam louvores, sermões, rituais simbólicos e demais elementos típicos desse espaço. Em muitos momentos, a fala dos pastores era direcionada para o apelo ao dízimo e à importância dos fiéis ofertarem para concretizarem suas aspirações. Diferentemente ao que acreditava antes da realização desta pesquisa, fiquei surpreso ao perceber que na maioria dos cultos apenas uma parte dos fiéis atendiam positivamente ao chamado do pastor para se deslocarem até ele e pegar os envelopes nos quais seriam entregues o dízimo, ou seja, não foram poucos os sujeitos que ficavam estáticos e esperavam o prosseguimento do culto após o pedido do dízimo, evidenciando que eles não são meras marionetes que agem conforme os mandamentos dos pastores e demais lideranças da igreja.

Os fiéis constroem significados para a fé que praticam com base em suas próprias experiências sociais. Nas conversas e entrevistas com alguns fiéis da Igreja Universal, pude perceber a forma especial como estes sujeitos se posicionam em relação ao tempo histórico no qual estão inseridos, atribuindo a ele sentidos explicitados nas lembranças de seus viveres, de suas trajetórias e de suas experiências sociais, nas quais diversos elementos convergem para as mudanças representadas pela prática religiosa exercida no seio da Universal. Nesse caso, o dízimo seria apenas mais *um* componente e não o elemento crucial que agrega em si *todos* os significados e sentidos dessa prática religiosa empreendida por estes sujeitos.

A Teologia da Prosperidade contida no discurso iurdiano não pode ser compreendida se a retirarmos do contexto histórico no qual foi (e está sendo) produzida e inserida. Vivemos uma época marcada pela alarmada crise das ideologias, por desigualdades sociais gritantes, pelo individualismo exacerbado, modelada pelos preceitos de uma cultura essencialmente consumista, pela falta de perspectivas para muitas pessoas, dentre elas os mais jovens, que em decorrência desta situação desesperançosa inflamam o problema da criminalidade. Uma época marcada pela hegemonia do Estado neoliberal que, apesar de seu comprovado fracasso em termos de bem-estar social, prega a privatização de setores fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e que eram historicamente atribuídos ao aparato estatal, como a saúde,

educação, seguridade social e habitação, além de enfatizar a suposta necessidade de desregulamentar o “mercado de trabalho”, no sentido de combater direitos trabalhistas conquistados no decorrer de décadas e décadas, promovendo e impulsionando deste modo a mercantilização das relações sociais. Uma época na qual o espaço público vem sendo despolitizado em benefício dos interesses dos grandes conglomerados econômicos e de elites políticas há muito estabelecidas, reformulando o próprio conceito de cidadania, que na ótica (neo)liberal define o “cidadão” como aquele que vota, que paga impostos, que possui documento, que estuda, que trabalha, que consome etc. Nesse sentido, ser “cidadão” é ser consumidor, desvinculando o conceito de cidadania do sentimento de pertencimento, das relações sociais e dos valores culturais compartilhados entre os sujeitos que habitam o espaço físico e simbólico das cidades.

Esse modelo de cidadania constituída na consagração do todo poderoso mercado, tentando estabelecer a homogeneização cultural, na qual *“a pluralidade de ofertas não compensa a pobreza de ideais coletivos, e cujo traço básico é, ao mesmo tempo, o extremo individualismo”*⁷¹, recebe uma nova carapaça quando incorporado e ressignificado em moldes religiosos por igrejas como a Universal. Se uma vida de trabalho árduo e dedicação são insuficientes para promover a mobilidade social, a alternativa pode ser encontrada na religião, que pode proporcionar aquilo que um Estado deficitário e uma sociedade profundamente desigual não oferecem. A “fé” passa a ser considerada moeda de troca para que o acesso a bens, outrora tão distantes, seja uma realidade abençoada, bastando para isso estabelecer uma espécie de “contrato divino”, no qual *“quanto mais se dá para Deus, mais se recebe”*.⁷² Com isso, a religião caminha em direção a usos e finalidades pragmáticas, similar a um objeto a ser consumido, conferindo, neste caso em particular, uma satisfação, simbolizada pela graça divina, proporcional ao valor da entrega espiritual e, sobretudo, financeira, representada pela oferta do dízimo.

Se sonho em adquirir um apartamento amplo e confortável, o carro que todos querem e que aparece constantemente na publicidade televisiva, roupas refinadas, o tênis da moda, ou conseguir no mínimo garantir o sustento de meus filhos, posso tentar conquistar tudo isso me revoltando com a situação que enfrento em meu cotidiano, mudando a minha postura e meu modo de pensar o mundo ao meu redor, para somente

⁷¹ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida Pós-moderna: Intelectuais, Arte e Vídeo-Cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 9.

⁷² PIERUCCI & PRANDI, op. cit., 1996, p. 270.

aí começar a praticar a “fé inteligente” que pode proporcionar a concretização de meu sucesso. Pronto, aqui pode estar resumido o discurso da prosperidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião é uma produção humana. Como tudo relacionado à ação de homens e mulheres que vivem em determinada época e sociedade, a religião não fica estática e imóvel no tempo histórico. Ela vai se modificando de acordo com o contexto em que está inserida, expressando a composição social, as relações de poder, as relações econômicas, modos de pensar, valores e expectativas próprias de cada conjuntura histórica. Os deuses não criam os homens, eles são criados pelos homens. Portanto, a religião está em constante processo de transformações operadas pelos sujeitos que a professam, os quais praticam um tipo particular de fé, empreendem significados especiais às suas vivências e assumem um modo de vida substancialmente influenciado por elementos típicos do âmbito religioso.

No caso do cristianismo, as mudanças teológicas processadas em seu interior e suas variadas relações com sociedades temporal e espacialmente distintas foram muito mais acentuadas e plurais se comparadas com outras religiões, como o islamismo e o judaísmo. A reapropriação e ressignificação da fé cristã a partir da leitura da Bíblia, o texto sagrado do cristianismo, têm servido a diferentes fins, principalmente para justificar práticas, ações e valores de grupos que visam o atendimento de seus interesses na sociedade, ancorando suas ações em pressupostos de caráter religiosos para legitimarem seus anseios e organizarem os modos como integram e disputam o meio social. Neste sentido, a discussão sobre as chamadas igrejas neopentecostais nos remete ao debate sobre a própria sociedade em que essas igrejas estão imersas.

Este trabalho também pode nos ajudar a perceber como, através das narrativas escritas e orais, diversos sujeitos sociais inseridos nessas igrejas se localizam em meio à cidade, espaço marcado por inúmeras tensões, conflitos, anseios e diferenças, um lugar que se faz nas relações e nos modos de viver de cada um de nós, reconhecendo que no âmbito da cidade o que constitui as relações sociais são as formas como as pessoas vivem nela e como criam suas condições e estratégias de sobrevivência, enfrentando a dominação, seus próprios limites e suas dificuldades, neste caso particular recorrendo à prática de uma fé diferenciada para satisfazer suas aspirações.

Pesquisar essa temática propicia avanços no sentido de um entendimento mais amplo acerca do papel primordial que o diálogo e o respeito às diferenças possuem para

o ofício do historiador, sem deixar de lado a crítica própria de cada um nós quando lidamos com temas tão polêmicos como a religião, ajudando na nossa reflexão para além do rótulo de intelectuais, mas primordialmente enquanto sujeitos participantes da constituição do espaço urbano e de toda a sua dinâmica complexa e conflituosa.

FONTES

FOLHA UNIVERSAL: edições nº 698 (21/08/05), nº 701 (11/09/05), nº 724 (19/02/06), nº 727 (12/03/06), nº 731 (9/04/06), nº 733 (23/04/06), nº 734 (30/04/06), nº 737 (21/05/06), nº 738 (28/05/06), nº 739 (4/06/06), nº 740 (11/06/06), nº 741 (18/06/06), nº 742 (25/06/06), nº 743 (2/07/06), nº 744 (9/07/06), nº 746 (23/07/06), nº 747 (30/07/06), nº 748 (6/08/06), nº 749 (13/08/06), nº 750 (20/08/06), nº 752 (3/09/06), nº 753 (10/09/06), nº 754 (17/09/06), nº 755 (24/09/06), nº 756 (1/10/06), nº 757 (8/10/06), nº 759 (22/10/06), nº 760 (29/10/06), nº 761 (5/11/06), nº 762 (12/11/06), nº 763 (19/11/06), nº 764 (26/11/06), nº 765 (3/12/06), nº 766 (10/12/06), nº 767 (17/12/06), nº 768 (24/12/06), nº 769 (31/12/06), nº 770 (7/01/07), nº 771 (14/01/07), nº 772 (21/01/07), nº 773 (28/01/07), nº 774 (4/02/07), nº 775 (11/02/07), nº 778 (4/03/07), nº 779 (11/03/07), nº 780 (18/03/07), nº 781 (25/03/07), nº 782 (1/04/07), nº 783 (8/04/07), nº 784 (15/04/07), nº 785 (22/04/07), nº 787 (6/05/07), nº 788 (13/05/07), nº 789 (20/05/07), nº 790 (27/05/07), nº 791 (3/06/07), nº 792 (10/06/07), nº 793 (17/06/07), nº 796 (8/07/07), nº 798 (22/07/07), nº 800 (5/08/07), nº 805 (9/09/07), nº 806 (16/09/07), nº 810 (14/10/07), nº 811 (21/10/07), nº 812 (28/10/07), nº 813 (4/11/07), nº 818 (9/12/07), nº 820 (23/12/07), nº 821 (30/12/07), nº 828 (17/02/08), nº 829 (24/02/08), nº 833 (23/03/08), nº 834 (30/03/08), nº 838 (27/04/08), nº 843 (1/06/08), nº 845 (15/06/08), nº 847 (29/06/08), nº 850 (20/07/08), nº 851 (27/07/08), nº 857 (7/09/08), nº 858 (14/09/08), nº 860 (28/09/08), nº 864 (26/10/08), nº 865 (2/11/08), nº 866 (9/11/08), nº 871 (14/12/08), nº 881 (22/02/09), nº 884 (15/03/09), nº 885 (22/03/09), nº 886 (29/03/09), nº 887 (5/04/09), nº 888 (12/04/09), nº 890 (22/04/09).

Referências bibliográficas

ARANTES, Antônio. *Paisagens Paulistanas: Transformação do espaço público*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

FENELON, Déa R. *Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação*. In: Projeto História. São Paulo: Educ -Editora da PUC/SP, 1984.

_____. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D'Água, 2005.

_____. *O historiador e a cultura Popular: história de classe ou história do povo?*. In: História & Perspectiva. Universidade Federal de Uberlândia, nº6, 1992.

FIGUEIREDO FILHO, Valdemar. *Entre o palanque e o púlpito: mídia, religião e política*. São Paulo: Annablume, 2005.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 2005

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUSTINO, Mário. *Nos Bastidores do Reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração Editorial, 2ª edição, 2002.

KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social*. In: Projeto História: História e Oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, PUC/SP, nº 22, junho de 2001, pp. 80-103.

LOPES, Rodrigo Barbosa. *Relações, disputas e valores: um estudo sobre os fiéis da Igreja Universal em Uberlândia*. Monografia de conclusão de curso, sob orientação do

Prof^o Dr. Paulo Roberto de Almeida. Instituto de História: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

MACIEL, Laura Antunes. “*Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920*”. In: FENELON, Déa e outros. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D’Água, 2004, pp. 14-40.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Editora Martin Claret, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.

Fonte: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/05/07.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2^a ed., 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2^a ed. 2003.

ORO, Ari Pedro. *A Política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros*. Artigo apresentado no XXVI Encontro Anual da Anpocs, realizado em Caxambu, MG, entre os dias 22 e 26 de outubro de 2002, no GT Religião e Sociedade. Fonte: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092003000300004&script=sci_arttext&tlng=ptpt>. Acesso em: 20/10/06.

OSBORN, Tommy Lee. *O Propósito do Pentecostes*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo: Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Vol. 1-nº 2, dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida Pós-moderna: Intelectuais, Arte e Vídeo-Cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

SILVA, Regina H. A. & SOUZA, Cirlen C. *Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1ª ed., 1989.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

_____. *A miséria da teoria*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Editora Martin Claret, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. São Paulo: Zahar Editores. 1979.